



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

NEURI JOSÉ ANDREOLA

**OS BRASILEIROS E OS ESTRANGEIROS:
AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE ENTRE O GRUPO DE BRANCOS E O
GRUPO DE NEGROS “EM UM BAIRRO DE CHAPECÓ”.**

**CHAPECÓ,
2015.**

NEURI JOSÉ ANDREOLA

**OS BRASILEIROS E OS ESTRANGEIROS:
AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE ENTRE O GRUPO DE BRANCOS E O
GRUPO DE NEGROS “EM UM BAIRRO DE CHAPECÓ”.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Claudete Soares

**CHAPECÓ,
2015**

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

ANDREOLA, NEURI JOSE
ESTABELECIDOS E OUTSIDERS: AS RELAÇÕES DE
SOCIABILIDADE ENTRE O GRUPO DE BRANCOS E O GRUPO DE
NEGROS "EM UM BAIRRO DE CHAPECÓ"/ NEURI JOSE ANDREOLA.
-- 2015.
66 f.

Orientadora: Claudete Soares.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências
Sociais , Chapecó, SC, 2015.

1. CHAPECÓ A CIDADE DE IMIGRANTES. 2. NEGROS E
ESTRANGEIROS: NOVA ONDA DE IMIGRAÇÃO. 3. ESTABELECIDO
E OUTSIDERS: DOMINAÇÃO DE PODER NO BAIRRO DE
"TRABALHADORES". I. Soares, Claudete, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

NEURI JOSÉ ANDREOLA

**OS BRASILEIROS E OS ESTRANGEIROS:
AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE ENTRE O GRUPO DE BRANCOS E O
GRUPO DE NEGROS “EM UM BAIRRO DE CHAPECÓ”.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Claudete Soares

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Claudete Soares – UFFS

Prof. Dr Ari Sartori- UFFS

Prof. Sandra Bordignon - UFFS

DEDICATÓRIA

A meus pais pela vida, aos professores, aos participantes entrevistados, e em especial a orientadora Claudete Soares.

AGRADECIMENTOS

Aos docentes da Universidade Federal da Fronteira Sul que contribuíram para o processo de aprendizagem.

A minha orientadora Claudete Soares, por ter me orientado em todas as etapas da realização da pesquisa e do TCC.

A todos os entrevistados que dedicaram um tempo para contribuir para esta pesquisa se tornar realidade.

Aos professores Ari Sartori, Sandra Bordignon que contribuíram na avaliação do TCC.

Às colegas acadêmicas Taís, Edinéia e Eliziane pelas sugestões e críticas na elaboração do projeto.

Aos colegas acadêmicos que no decorrer do percurso da graduação, auxiliaram-me diretamente ou indiretamente.

RESUMO

Este trabalho discute a formação de grupos demarcados na sociabilidade de moradores e trabalhadores, em um bairro da cidade de Chapecó. Como fonte teórica e conceitual, empregou-se o conceito de Estabelecidos e *Outsiders*, elaborado por Norbert Elias e Scotson (2000), buscando interpretar as formas de sociabilidade que se estabelece entre os moradores, a partir de uma perspectiva sociológica. Esta compreende os pressupostos sobre o preconceito racial de grupo, estigma social, status e poder, em uma análise qualitativa etnográfica das relações de sociabilidade dos moradores e trabalhadores de um bairro da cidade.

Compreendemos que o que estava em jogo eram valores de superioridade, os quais se mantêm e se reproduzem numa relação de poder e status social em que o grupo dominante, ao entrar em contato com o outro grupo minoritário, produz uma imagem elevada de si própria. Esta dinâmica revela preconceito, discriminação e estigmas raciais, em relação ao grupo *Outsiders*.

Palavras-Chaves: Grupo de Brasileiros e Estrangeiros- Sociabilidade- Poder – Status - preconceito racial, brasileiros, estrangeiros, relações de poder e raça.

RESUMEN

En este trabajo se discute la formación de grupos demarcados en la sociabilidad de residentes y trabajadores, en un barrio de la ciudad de Chapecó. Como fuente teórica y conceptual, se utiliza el concepto de Establecido y *Outsiders*, formulado por Norbert Elias y Scotson (2000), en el intento de interpretar las formas de sociabilidad establecida entre los residentes del área, partiendo de una mirada sociológica, que involucra los presupuestos acerca del prejuicio racial de grupo, el estigma social, posición y poder, en un análisis cualitativo etnográfico de las relaciones personales, de residentes y trabajadores en el barrio de la ciudad.

Entendemos que lo que estaba en juego eran los valores de superioridad, los que se mantienen y se reproducen en una relación de poder y *status* social, en que el grupo dominante, al ponerse en contacto con el otro grupo minoritario, produce una imagen superior de sí mismo. Esta dinámica revela los prejuicios, la discriminación y el estigma racial en relación al grupo *outsiders*.

Palabras clave: Grupo de los brasileños y Extranjeros- Sociabilidad- Estado - el prejuicio racial, Brasileños, los extranjeros, las relaciones de poder, la raza.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Aumento de vistos para haitianos	39
Gráfico 2. População por faixas de renda mensal per capita familiar (RPCF) em múltiplos do salário mínimo de setembro de 2012, segundo cor ou raça (Brasil, 2012) (Em %)	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	METODOLOGIAS DA PESQUISA	20
2	CHAPECÓ, A CIDADE DE IMIGRANTE.....	24
3	NEGROS E ESTRANGEIROS: NOVA ONDA DE IMIGRAÇÃO.	31
3.1	A IMIGRAÇÃO DOS TRABALHADORES AO BAIRRO.....	31
3.2	OS MOTIVOS DA EMIGRAÇÃO.....	36
3.3	O NEGRO NAS RELAÇÕES SOCIAIS BRASILEIRAS.	40
4	ESTABELECIDOS E OUTSIDERS: DOMINAÇÃO DE PODER EM UM BAIRRO DE “TRABALHADOR”.....	44
4.1	PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO.....	53
4.2	O LUGAR DE FALA E DE PERCEÇÃO DOS OUTSIDERS.....	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Na região Sul do Brasil, a maioria da população é descendente de europeus, bem como na cidade de Chapecó, onde predomina a população branca pela sua constituição histórica de povoação, formando assim um perfil de identidade. O ato de discriminar, classificar e subjugar as pessoas pela sua condição social, por pertencer a certos meios de classe ou a determinados grupos, ou devido à cor da pele, é um ato de preconceito racial. Partindo desta conceituação, observa-se a reprodução do fenômeno que - a sociologia denomina “discriminação ou preconceito social de grupo”.

Ao decorrer da graduação em Licenciatura em Ciências Sociais, na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), houve vários eventos acadêmicos, além de discussões teóricas, que descreveram a hierarquização na sociabilidade de grupos. No estágio obrigatório, os acadêmicos deveriam listar possíveis temas de pesquisa. O tema escolhido para a pesquisa foi sobre o preconceito racial, problemática que se reproduz socialmente por gerações em um município classificado como interiorano e pequeno. Diante disso, ficaram as leituras e estudos, que contribuíram na elaboração do presente estudo.

A partir da rotina - na agroindústria e das conversas ouvidas entre os trabalhadores desta, interessei-me em entender os motivos que levam à diferenciação de grupo dentro de uma classe de trabalhadores de uma destas empresas de grande porte, localizada na cidade de Chapecó.

A partir de uma perspectiva sociológica que abraça os pressupostos sobre o preconceito racial de grupo, estigma social, status e poder, busca-se uma análise que entenda como, na relação de trabalhadores, ela é marcada por relação de poder de um grupo. Diante disso, a cidade de Chapecó, segundo dados do IBGE/2010 têm 76,6% de pessoas brancas, e a recente migração são de pessoas negras. Assim, no bairro da cidade, que recebeu muitos emigrantes para trabalharem na Agroindústria X, leva-nos a realizar esta pesquisa entre os trabalhadores/moradores deste espaço. Esta área geográfica é formada por dois loteamentos, com uma Avenida que os separa, e um frigorífico ao centro do bairro.

Ao me interessar pelas questões próprias da sociabilidade entre grupos de trabalhadores, delimito o espaço geográfico de um bairro, pois sua composição

populacional é predominantemente da classe trabalhadora, pois a maioria desses moradores trabalha, ou já trabalharam no frigorífico. Seus moradores são nacionais e estrangeiros, diretamente ou indiretamente atrelados à unidade fabril ali estabelecida, com a diferença de que os brasileiros são os que residem há mais tempo no local, sendo os donos dos imóveis, ou inquilino da região, ao contrário dos estrangeiros, que residem em casas alugadas, não sendo proprietários dos imóveis.

Acerca da cidade, esta é considerada um polo agroindustrial no seguimento de abate de aves e suínos, em que as plantas fabris empregam muitos cidadãos trabalhadores. Historicamente, os trabalhadores que imigra da região para residir na cidade, ou vêm de transporte das cidades circunvizinhas e retornam no mesmo dia. Assim, a cidade se consolida nesse processo de imigração¹ desde o princípio de sua história. Não obstante o impacto social que esta atividade causa na cidade, sendo a principal atividade econômica, e a que mais emprega trabalhadores. A partir de 2012, inicia-se um novo marco no quadro de funcionários das empresas deste gênero. Refiro-me à emigração de estrangeiros, que são imigrantes, vêm para trabalhar e residir na cidade. Sabendo que esses imigrantes são de países com uma população predominantemente negra, e que, nos contextos locais, a maioria da população está enfrentando problemas sociais, uma parcela dela migra para trabalhar em outros países. Assim, o Brasil surge como um destino alternativo. A partir de 2012 há imigrantes haitianos e senegaleses trabalhando nos abatedores de aves e suínos da cidade de Chapecó, Santa Catarina.

Contudo, através de observação crítica da rotina do espaço de trabalho, nota-se que a presença desses povos estrangeiros² vem causando um desconforto entre alguns dos trabalhadores brasileiros. Conforme aumenta a contratação desses estrangeiros, há resistência de trabalhadores brasileiros em aceitá-los no ambiente produtivo em um mesmo *layout*. Todavia, a inserção destes é algo desconfortável para muitos dos trabalhadores brasileiros, e, no dia a dia, durante os intervalos do café, almoço, janta, havia conversas com discurso xenofóbico³. Neste momento, ao analisar a situação, entendi que este evento deveria ter uma investigação mais aprofundada. Portanto, preocupado com a situação, realizei uma breve investigação

¹ O termo **migrante** caracteriza a pessoa em processo de mobilidade, sendo que, **emigrante** é a pessoa que sai da região ou país e **imigrante** é aquele que adentra a região ou país de destino.

² **Estrangeiros** (haitianos e senegaleses) que deixaram suas pátrias, e partem em busca de vaga de trabalho no Brasil.

³ **Xenofóbico** que demonstra temor, aversão ou ódio aos estrangeiros, ou à cultura estrangeira.

no interior dessa empresa, na qual consistiu de um apanhado geral da sociabilidade entre os trabalhadores do frigorífico, que se constatou que havia dentro dessa classe de trabalhadores dois grupos distintos, apesar de estabelecerem relação de interdependência nos locais de sociabilidade comum, apresentando um quadro distinto entre grupo de estrangeiros e de brasileiros, no momento do intervalo do almoço, ou na área de lazer.

Buscando elucidar estas constatações preliminares nesse ambiente de trabalho, foi realizado um pré-projeto e um pedido de autorização formalmente para realizar a pesquisa entre os trabalhadores, que foi encaminhada à agroindústria em questão, com intuito de compreender esse novo fenômeno de imigração de trabalhadores para a cidade, e principalmente a relação entre os recém-chegados estrangeiros e os brasileiros, neste ambiente. Neste projeto, encaminhado ao setor responsável da unidade fabril, constava que a aceitação da mesma, implicaria em uma investigação e observação participante do espaço produtivo, dos locais de lazer comum para os trabalhadores, (refeitório, *hall* de entrada, área de lazer e bancos de descanso) e perguntas específicas referentes ao tema abordado. Descrevia-se nesse projeto de pesquisa a metodologia qualitativa, acerca de como seria a metodologia da realização e procedimento das entrevistas; a escolha dos trabalhadores participantes estaria a cargo do pesquisador, conforme o consentimento destes.

Contudo, o setor responsável por avaliar o pedido não concedeu a autorização para a pesquisa, alegando que a empresa não teria pessoa para acompanhá-la, uma vez que havia muitos pesquisadores na unidade.

Creemos que a não aceitação da pesquisa deriva do fato de que ela não interessa à agroindústria, pois não estava direcionada à análise de questões relacionadas ao processo produtivo, logo, sua aceitação implicaria revelar algo que não se quer admitir publicamente. Por outro lado, este fato motivou-me e abriu caminho para compreender este fenômeno na sociabilidade de um bairro de trabalhadores, próximo à unidade fabril, em que se constata a presença de trabalhadores estrangeiros residindo neste espaço. Revela-se a importância do estudo sobre esse novo quadro de imigração na sociedade chapecoense, formado por trabalhadores negros e estrangeiros, em razão da constituição histórica da população da cidade ser majoritariamente de brancos e em que implica este fator, principalmente nas questões relacionadas ao preconceito.

Os fenótipos destes imigrantes estrangeiros são perceptíveis, por serem negros, o que não era algo comum entre os moradores da comunidade, porque o bairro em questão é constituído por indivíduos que, em sua maioria, auto declaram-se brancos. Perante essa confluência recente de moradores no bairro, do grupo de trabalhadores estrangeiros, e do grupo de trabalhadores estabelecidos (brasileiros, majoritariamente brancos), observaremos as formas de sociabilidade entre ambos. Esta observação se concentrará na mobilidade dos indivíduos analisados até o trabalho, além da interação nos espaços comum do bairro, pois esses fazem o trajeto caminhando. Como é essa mobilidade? Será que na comunidade os estrangeiros e os brasileiros frequentam os mesmos espaços públicos? Será que há caso de relacionamentos afetivos entre os negros (as) e brancos (as)? O que grupo dos brasileiros fala dos recém-chegados? Um dos objetivos da pesquisa é também verificar se há aproximação entre os dois grupos em relação aos costumes, se há intercâmbios de hábitos.

A pesquisa tem por finalidade compreender esse novo fenômeno de imigração na sociedade, principalmente por esses migrantes serem pessoas negras. A relação que se estabelece entre trabalhadores e moradores do local, bairro que é periférico da unidade fabril.

A formação de grupos distintos em uma comunidade se dá por várias maneiras, seja ela por classes sociais, por violências sócio-históricas, por tempo de residência no local, por fatores de imigração ou por valores culturais e de raça. A obra "*Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*", de Norbert Elias e Scotson (2000) nos apresenta que o conceito de estabelecido é referente àqueles indivíduos que há mais tempo residência na comunidade. Estas pessoas forma um "grupo" na relação de sociabilidade, uma identidade coletiva para se diferenciarem, através de um *status* social, pois pertencem a um determinado lugar, que os diferencia do outro grupo, denominado *outsiders*. Já o conceito de *outsiders* refere-se aos imigrantes, vindos há pouco tempo, pertencentes a um bairro mais afastado da comunidade. Estes são os sujeitos estigmatizados socialmente pelo grupo do estabelecidos.

Os autores da referida obra nos revela que sua pretensão naquela pesquisa de campo, num primeiro momento, era estudar os desníveis de delinquência juvenil e violência no final dos anos de 1950. Contudo, seu estudo acabou ganhando novos rumos, quando ele percebeu que o foco de observação pretendido era sim

necessário, mas implícito a tal problema estavam latentes relações de poder que iam além da violência no seu estereótipo mais evidente. Assim, Norbert Elias consegue fazer um retrato dos aspectos simbólicos que permeavam as relações de poder que produziam *status*.

Portanto, utilizar-se-á neste trabalho o conceito de *estabelecidos* e *outsiders*, desenvolvido por Elias em “a *sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*”. A partir desta teoria macro, refletiremos sobre a realidade de nossa pesquisa na cidade de Chapecó, que se configura como uma representação dos conceitos de “poder e construído pelos moradores mais antigos, proveniente dos valores e tradições de determinado grupo “branco”, socialmente hegemônico. Já a categoria *Outsiders status*”, algo é o grupo de imigrantes, os sujeitos desprovidos das qualidades morais, sendo pessoas estigmatizadas socialmente. Buscaremos discorrer acerca desta comunidade de trabalhadores, ao verificar como a questão de hierarquização se apresenta na sociabilidade dos brasileiros e dos estrangeiros na atualidade, dentro do contexto até agora explicitado.

Buscamos, assim, trazer à tona o que Elias (2000) já mencionou em sua obra, sobre como um grupo se apropria de valores sociais construídos para se diferenciar de outro grupo na relação de ocupação de um espaço urbano, bem como isso levará ao preconceito grupal na comunidade. A partir das relações de *sociabilidade, poder e status, raça e identidade*, que perfazem a comunidade de trabalhadores, discutir-se-á a hierarquização humana grupal. Em nossa pesquisa, essa elevação ocorrerá pelo valor hereditário de identidade de ocupação do local, que se transcenderá pelo viés de uma sobreposição de cor, em detrimento de outro grupo.

Conceitualmente, tratamos o grupo de moradores brasileiros como *estabelecidos*, pelo fato de pertencerem ao grupo branco e de nacionalidade brasileira; e de *Outsiders* aos moradores estrangeiros, que pertencem ao um grupo de pessoas negras e não-brasileiras.

Trabalhamos com a hipótese de que não há a aproximação de grupo de trabalhadores nesse contexto do dia a dia, no convívio social da comunidade e do trabalho. Diante dessas evidências, de formação de grupos entre essa classe de trabalhadores por uma distinção de cor, levamos em conta que esta divisão se dá pela questão de origem e de pertencimento, fenômeno conceitualmente conhecido como “preconceito e discriminação racial”.

O fato desse tema se tornar uma realidade de pesquisa na atualidade não é por acaso. Ela é uma preocupação constante entre os intelectuais, em vários momentos históricos, até chegar aos teóricos da sociologia brasileira. Sabemos de que a Coroa portuguesa colonizou o Brasil do século XV, até o século XVIII, e o modo de produção *Plantation* era realizado pela força de trabalho escrava de outras pessoas. Em um primeiro momento, utilizaram-se os indígenas como mão de obra e, em seguida, trouxe-se forçadamente os Africanos para trabalharem, sobre tortura “desumana”, em um regime de escravidão. A partir daí surgem às três matrizes originais da população brasileira (Portuguesa, Indígena e Africana).

Desde o princípio da história oficial do que hoje denominamos “nação brasileira”, sempre estiveram na vanguarda os valores do grupo hegemônico branco, marcado pela origem europeia, cujos valores atuam no âmbito social, político e econômico. Essa se perpetua até a atualidade.

A liberdade legal do negro, conforme a lei Áurea⁴, não estabeleceu uma liberdade plena do sujeito, pois este, desprovido de bens econômicos, constituinte de uma população sem amparo, lançada no “olho da liberdade da rua”, não tinha direitos aos quais recorrerem, logo, sua condição como indivíduo era degradante. Uma população analfabeta, com saúde debilitada, esses foi trabalhar para os antigos donos, ou em outras fazendas por um prato de comida e moradia. Assim, um grupo branco dominante consolidou historicamente uma imagem do negro, e o lugar subalterno que ele deve ocupar no meio social, que vem se perpetuando até os dias atuais no senso comum do grupo de branco brasileiro.

Em estudos sobre a identidade, o professor Kabengele Munanga nos diz que:

[...] a identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e/ou negras e amarelas. Ela resulta de um longo processo histórico que começa com o descobrimento no século XV do continente africano e de seus habitantes pelos navegadores portugueses, descobrimento esse que abriu o caminho às relações mercantilistas com a África, ao tráfico negreiro, à escravidão e enfim à colonização do continente africano e de seus povos. (Palestra do 1º Seminário de Formação Teórico e Metodológico – SP, 2003)

No século XIX, teorias acerca das raças humanas e da degeneração de determinadas população, estavam fundamentadas na hierarquização. A ideia central

⁴ **Lei Áurea** - A Lei Imperial n.º 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888, foi o diploma legal que extinguiu a escravidão no Brasil.

desse escalonamento racial era defender o privilégio do grupo branco. O fato da mestiçagem que compunha a população de nosso país torna-se um emblema segundo as correntes racial. O principal defensor dessa teoria, Gobineau (1853), elaborou na teoria classificatória da humanidade, onde a raça ariana ocupava o topo da hierarquia humana e social. Assim, segundo ele, a mestiçagem criava um povo degenerado, porque não conserva, nas suas veias, o mesmo sangue original que sucessivas misturas fizeram, gradualmente, modificando seu valor. Portanto, a população dos trópicos estava fadada ao fracasso pela “triple aliança” dos grupos que se compõem a população. Sendo assim, a população brasileira estava classificada por tais critérios raciais degenerativa, a partir de uma concepção elaborada por um grupo hegemônico, que tem o domínio e o poder de se auto classificar-se, e autovalorizar-se.

O período da República Velha do país (1889 a 1930) discutia a possibilidade de haver civilização nos trópicos. Assim, as fortes correntes racial que vinham dos teóricos europeus predominavam, e foram amplamente propaladas pela intelectualidade da época. Como bem lembrou Lilia Moritz Schwarcz (1993), estas referências sobre o Brasil causavam enorme desconforto à intelectualidade, quando da aplicação destas teorias raciais à realidade do contexto local. Os principais intelectuais brasileiros da época, entre eles Euclides da Cunha (1885), preocupados em explicar a sociedade brasileira por meio da interação da raça, a mistura, no meio da mestiçagem do povo do Sertão e do litoral brasileiro ele faz duas distinções, uma positiva e outra negativa desses místicos. No geral, a população no país estava fadado ao fracasso devido essa constante da mistura racial.

No final do século XVIII e início do século XIX, apresentou-se uma saída para o problema da população brasileira, que era o branqueamento gradativo. Acreditava-se que em poucas gerações se teria uma população clara e o país começaria a se desenvolver economicamente. Nessa tentativa simplista de explicar um problema puramente classificado como preconceituoso, podemos situar o princípio de nossa pesquisa, em que se deu preferência para os povos europeus imigrar para o Brasil. Assim, na região Sul, houve a ocupação desses povos (alemão, italiano, polonês) para povoar uma região demográfica, com um perfil de pessoas brancas.

Após o período do projeto de branqueamento da população brasileira, e seguindo a lógica de valorização Nacional, surge o teórico Gilberto Freyre (1930) que vai positivar a mestiçagem. Ele nos diz que a mistura racial não é problema para

a Nação, e desenvolve a tese da *Democracia Racial*, que aqui viviam em perfeita harmonia todos os grupos étnicos. Assim, a contribuição de Freyre para a nação brasileira, foi qualificar os povos que habitavam os trópicos, sem levar em considerações das desigualdades sociais, políticas e econômicas que se estabelecia na casa grande e senzala.

A partir dos anos 50, surgem vários estudos teóricos que se contrapuseram à ideia da democracia racial, e elaboram uma teoria explicativa do mito da democracia racial brasileira. Entre os teóricos mais expoentes da sociologia encontra-se Florestan Fernandes que, em suas análises, faz um resgate histórico, mostrando o papel do negro e do indígena nessa dita democracia racial, sujeitos que sempre estiveram como coadjuvantes e subalternos aos brancos. Ademais, esses dois grupos de indivíduos nunca figuravam as decisões de poder político, econômico e social, mantendo-se em total submissão, sem ameaçar a hegemonia branca. Para complementar esta explanação, valemo-nos de Munanga (Palestra do 1º Seminário de Formação Teórico e Metodológico – SP, 2003), que nos diz que:

A chamada identidade negra no Brasil, num país onde quase não se houve um discurso ideológico articulado sobre a identidade “amarela” e a identidade “branca”, justamente porque os que coletivamente são portadores das cores da pele branca e amarela não passaram por uma história semelhante à dos brasileiros coletivamente portadores da pigmentação escura.

Assim, observa-se a diversidade das abordagens sobre o conceito de “raça”, como categoria de análise sociológica, o que por certo nos obriga a ter consideração criteriosa com sua constituição e reprodução social. Na verdade, a “raça” parece estar no centro de uma constelação de debates cruciais, não só no Brasil, mas no mundo; não só na antropologia, mas na vida pública. (PINHO; SANZONE, 2008)

Os estudos raciais apontam para as desigualdades raciais e demonstram como em outras partes do mundo, assim como no Brasil, a demografia da desigualdade racial se estabelece numa conversação com formas culturais e políticas prevaletentes nas sociedades. As dinâmicas sociais correspondentes que produzem iniquidades de acordo com portadores das distintas aparências ou marcas raciais (GUIMARÃES, 1999, 2002). Assim, Guimarães define que:

São discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais,

intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências). (GUIMARÃES, 2008, p.66)

A reflexão sobre os instrumentos teóricos da ciência social, que buscam dar conta das possíveis configurações de sociabilidade de grupos nas sociedades modernas, é fundamental para entendermos o processo de socialização de grupos. Ao se pensar a sociabilidade de grupos, ela envolve as relações interpessoais, relações diversas entre vizinhos, amigos, desconhecidos, parentes, uma vez que cada uma dessas relações envolve especificidades.

Perante as especificidades da vida em bairro de trabalhadores, leva-se em conta que “ela deve ser explicada a partir de princípios que orientam os comportamentos de origem coletiva e socialmente conotados”. (VILLAS, 2009, p. 22) Ao discutir a sociabilidade de trabalhadores, estamos levando a questão para outros fenômenos sociais. O preconceito racial tende a aflorar quando um grupo percebe que seu espaço de sociabilidade está sendo ameaçado; como maneira de se diferenciar socialmente, os sujeitos de nacionalidade brasileira forjam a sua existência enquanto um grupo, logo este ato lhes concede um poder grupal, e nessa relação se manifesta o dilema racial, um marcador do grupo branco utilizado em âmbito nacional para manter seu *status* social.

As avaliações de superioridade e inferioridade grupal têm consequências fundamentais para o entendimento da desigualdade social e racial no país. Em nosso problema que diz respeito ao contato entre diferentes grupos raciais e nacionais, o *status* nesse caso pode se basear em critério de raça/cor que historicamente um grupo prevaleceu nas relações de poderes políticos e morais, resultam em dominação e desigualdade social.

O grupo dos brasileiros no bairro reconhece com os brasileiros moradores do local. Logo, percebe-se o outro grupo como não pertencente, exclusivamente pelo marcador do fenótipo da cor de pele e de valores culturais de grupo. A partir do reconhecimento de quem faz parte do grupo local, a principal marca diferencial é a pigmentação da pele dos indivíduos do grupo estrangeiro.

Diante disso, a identificação de grupos, questão bastante perceptível na sociabilidade dos trabalhadores, estigmatiza o grupo de imigrantes. O grupo dos brasileiros reproduz o preconceito racial, baseados no conceito de “transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências)”. (GUIMARÃES,

2008, p.66). No meio social, os sujeitos do grupo estabelecido fazem uma construção política e nela delimitam quem participa do grupo, logo, esta concessão é demarcada por uma questão de valores do grupo dominante, que ocupam uma posição que os indivíduos do grupo *Outsiders* não ocupam na sociedade, por possuírem menos prestígio social, como já mencionado do modo racial de classificação humana e de nações.

Então, observa-se que a preponderância da formação do grupo hegemônico se dá por uma condição de cor de pele e de ser imigrantes. A organização dessa comunidade desenvolve com perspectiva que, nos processos constitutivos de identidade social, possibilitam a um grupo de trabalhador/morador, e auto diferenciar-se do outro grupo, e, assim, nas pequenas ações de sociabilidade, os imigrantes não são aceitos plenamente, por serem estigmatizados como sujeitos de hierarquia inferior, no âmbito das relações sociais. Diante disso, reproduz-se o preconceito racial socialmente dentro de uma estrutura de análise que contemple a comparação entre os dois grupos “estabelecidos e *outsiders*”. (ELIAS, 2000) Ao se deflagrar o estigma social, para os estrangeiros por questões de valores culturais, questão de cunho social de seus países e aqui; entende-se que a nossa reflexão está em uma análise sob a ótica de “preconceito racial de Marca”, (NOGUEIRA, 2006) pois essas percepções sobre este grupo está difuso em outros fenômenos na sociabilidade desses trabalhadores do bairro.

Na realidade de identidades sociais, classe e raça, na sociabilidade dos trabalhadores deste bairro, envolvem os sentimentos e valores da prática de convívio social do grupo estabelecido. Bem como sabemos, na relação de grupo, na sociedade brasileira e na região, um grupo dominante se perpetuou. Assim, no bairro essa questão de grupo se mantém, e com a migração, na rotina do dia a dia revelam-se “todas as características de uma prática cultural, determinada por questões estruturais de âmbito social, econômico, de gênero, entre outros”. (VILLAS, 2009, p. 26) Esta prática, de identidade de classe e raça, afeta a sociabilidade destes trabalhadores, formando uma subdivisão de grupos, a qual posteriormente trará com mais profundidade sobre esta divisão local, discutindo se ela é gerada pela classe ou pela raça. Qual dessas variáveis é predominante nas formas de sociabilidade desses trabalhadores de Chapecó é uma das questões que guiam esse trabalho, para entendermos a lógica de haver grupos dentre uma classe de trabalhadores.

1.1 METODOLOGIAS DA PESQUISA

Este trabalho visa entender a formação de grupo na sociabilidade dentro de uma classe de moradores e trabalhadores de um bairro na cidade de Chapecó, por meio da análise dos mecanismos utilizados pelos trabalhadores, para que se diferenciem entre “nós” e “eles”. Tem-se em vista a migração de estrangeiros, pertencentes a países de uma população majoritariamente negra, em um bairro cuja maioria dos brasileiros pertence ao grupo de identidade branca.

Buscando elucidar a relação que se estabelece entre os estrangeiros e os brasileiros, nesse espaço urbano de bairro, esta pesquisa, nos apresentará, ao decorrer dela, uma série de apontamento, fruto de uma investigação *in loco* perante a relação de sociabilidade desses moradores e trabalhadores. Para manter o sigilo dos entrevistados, e do espaço em que foi realizada a pesquisa, traremos o material empírico com nomes fictícios e populares, bem como o local da pesquisa.

Esta pesquisa se enquadra numa metodologia qualitativa em Ciências Sociais. Essa metodologia permite ao pesquisador, usar combinações de técnicas, tais como: - observações participantes, teóricas, técnicas de entrevista em que o foco central dela direciona no entendimento da sociabilidade de moradores de um bairro de trabalhadores de uma Agroindústria.

O fato disso, para esse fenômeno de estudo entre grupos, se faz necessária uma investigação de estudo de caso em Ciências Sociais. Assim, Mirian Goldenberg (2004, p. 34) nos diz que: - o “estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto”. Portanto, ao combinar essas técnicas de pesquisa, ela nos dá uma profundidade, e revela o *significado* daquelas situações para os indivíduos, que sempre é mais amplo do que aquilo que aparece em um questionário padronizado.

A observação participante é uma técnica que nos dá um aporte importante na elaboração do entendimento do objeto a ser investigado. Assim, nas observações de campos sobre a sociabilidade dos moradores, é um instrumento para entendermos de “dentro” as formas que ela se apresenta como atos da cultura desse espaço. Sendo assim, a participação de campo, pelo pesquisador, ocorre de diferentes

horários e espaços, realizada em vários pontos do espaço, em dias e horários no mês de agosto, nos locais de vias públicas e espaços comuns, tais como praças públicas e vias, ginásio de esporte, academia da agroindústria X, e, além disso, no cotidiano do trabalho, ao fato de ser trabalhador de um frigorífico, e nele estar em contato visual ao redor da via que dá acesso a empresa.

Todos os dados coletados no material empírico são materiais elementares para entender os fatos sociais que se apresenta. Por isso, a compreensão desses está embasada de um entendimento que abrange a teoria conceitual interpretativa que busca explicar os fatos levantados durante a realização da mesma.

No final do mês de agosto, setembro e outubro realizaram-se as entrevistas. Ao chegar à residência dos entrevistados, me apresentava e explicava sobre a realização da pesquisa, entretanto, muitos moradores não aceitaram participar. Uma das dificuldades na realização das perguntas para os entrevistados estrangeiros foi em relação da língua, pois não compreendo nem falo a língua francesa ou inglesa, e muitos dos estrangeiros ainda não falam o português. Aliás, por esse problema na comunicação, duas outras entrevistas deixaram de ser realizadas.

Para chegar aos entrevistados estabelecidos, os que fazem parte de diretorias, usei a indicação dos moradores locais em conversas informais. Posteriormente, desloquei-me até suas residências, e prontamente me concederam a entrevista.

Com os moradores brasileiros, realizaram-se perguntas específicas, divididas em blocos. O primeiro foi às perguntas mais gerais, tais como: - há quantos anos residia no local, se era proprietário da casa, se participa de alguma das diretorias da comunidade, igreja, escola, associação do loteamento, do esporte. O segundo bloco era referente a perguntas do campo econômico e da qualidade de vida da população do estado de Santa Catarina e do Sul do país, relacionando com a colonização. O terceiro abordava a migração dos estrangeiros para o bairro, como os brasileiros percebem a presença deles neste espaço, e se os brasileiros falam sobre este fenômeno. E o quarto bloco, direcionado para quem está trabalhando na agroindústria, referia-se a como é a relação dos trabalhadores brasileiros e o estrangeiro no trabalho.

Já para os trabalhadores estrangeiros, após realizar o mapeamento de onde eles residiam, fui até os mesmos, apresentei-me, e, conforme a aceitação realizou as entrevista. As perguntas foram organizadas da seguinte maneira: - primeiro bloco:

uma apresentação do país de origem; qual era a ocupação profissional, como eram as formas de sociabilidade, e a composição das famílias. O segundo sobre o trajeto da viagem e como chegou a Chapecó, o período que está na cidade (bairro) e quais as informações que tinham sobre a cidade, e os motivos da migração. O terceiro tratava da atividade de trabalho aqui, e como é a relação com os brasileiros, e se há relação de sociabilidade com os colegas brasileiros fora do ambiente de trabalho, tais como:- atividades esportivas, ir a um local público, ou se visitar para tomar “chimarrão”. O quinto momento da entrevista, é sobre a sociabilidade no bairro, se os vizinhos brasileiros conversam com eles, se eles recebem visitas dos brasileiros do bairro, ou se convidam para uma atividade de esporte, e o que eles fazem durante o período que não estão trabalhando.

Os integrantes do grupo dos estabelecidos são pessoas que também são migrantes de alguma parte do Brasil, em especial da região Sul do país. Entre os moradores brasileiros que participaram das entrevistas, foram oito pessoas, sendo duas delas do sexo feminino e seis do sexo masculino. Dentre esses, constata-se que há quatro pessoas que não estão trabalhando no frigorífico, mas já trabalharam, e as outras quatro estão trabalhando neste espaço. Dentre os entrevistados, há os senhores João, José e Nico, que são os mais antigos moradores destes loteamentos, foram os primeiros moradores e observaram o crescimento populacional do bairro, ajudaram a construir os centros comunitários, através de realização de promoções para arrecadar fundos, e na participação efetiva da vida pública da comunidade. Também do grupo estabelecidos, há mais quatro pessoas, essas não fazem parte das diretorias da comunidade, mas residem no bairro, e a senhora Chica, uma das entrevistadas, trabalha no frigorífico, é proprietária de duas casas, uma na qual ela reside e outra alugada; o senhor Adão tem sua casa própria e é trabalhador, a dona Maria paga aluguel e já trabalhou na agroindústria; e há o Carlos e o Sebastião, que pagam aluguel e trabalham.

Entre os moradores estrangeiros, foram seis pessoas entrevistadas, quatro haitianos e dois senegaleses. Todos os entrevistados têm menos de quarenta anos de idade e estão trabalhando na agroindústria, um deles trabalha em dois serviços, e outros dois querem mais um trabalho; um está desempregado.

Dentre os senegaleses, realizou-se entrevista com dois participantes, que vivem na mesma residência e trabalham juntos na agroindústria em uma firma terceirizada que presta serviço. Um tem formação acadêmica de ciências contábeis,

e fala fluentemente o português, o outro não possui graduação e fala pouco português, contudo, ambos estão estudando via internet em uma Instituição de ensino do país de origem. Esses dois entrevistados senegaleses residem há seis meses na cidade, não pretendem trazer suas famílias, e querem retornar ao Senegal. Um dos entrevistados, que denominarei Pablo, já residiu na África do Sul antes de vir para cá; e outro que chamaremos de Miguel trabalhava em um banco no Senegal. Ambos, aqui, estão trabalhando em serviços gerais.

Entre os entrevistados haitianos, um jovem tem formação em Matemática, que se chamará de Pitágoras; e um técnico em elétrica denominará de Newton, os outros dois não possuem formação acadêmica, os quais serão denominados Sérgio e Tito.

Os entrevistados haitianos residem no bairro há um tempo de um a dois anos. O Tito e o Sérgio trouxeram as esposas, e a esposa do Tito está grávida e também trabalha no frigorífico. Entre os haitianos, só um casal quer retornar para seu país de origem. Já os demais haitianos pretendem ficar residindo aqui no Brasil, sendo que os quem têm esposa no Haiti desejam trazer seus familiares para o Brasil. Suas principais reclamações são em relação às dificuldade de quando chegaram, pois não sabiam a língua portuguesa, e é bastante burocrático os documento para se ter o visto de estadia no Brasil, necessários para entrar no trabalho e locar uma casa.

2 CHAPECÓ, A CIDADE DE IMIGRANTE.

Para falar de migrantes na região e na cidade de Chapecó, temos que fazer um diagnóstico de como sucedeu o processo ocupacional e econômico da cidade e região, bem como a sua ocupação espacial ao longo de sua história. Inicialmente, até 1838, a região era ocupada por povos indígenas e alguns fazendeiros portugueses (SANTOS, 1974). Os bandeirantes paulistas, no século XVII, fizeram excursão à região das Missões Jesuítas, em busca de povos indígenas e gado, e à região do Oeste se torna uma rota alternativa de passagem de “Caminho das Tropas” (Gado de corte para as Minas). Também nesses campos houve a criação de gado por alguns fazendeiros portugueses que fixaram residência, possuidores de poucos escravos.

Dos primeiros povos migrantes e a miscigenação entre brancos luso-brasileiros e índios, formaram-se os caboclos, com um modo de vida “peculiar”, em relação à sociabilidade com a terra e com o meio social. Porém, esta região foi cenário de diversas disputas e litígio por sua posse. Primeiramente, entre Espanha e Portugal. Depois, tornou-se questão entre Argentina e Brasil, (1895 arbitrada pelo presidente americano Grover Cleveland) que deu causa ao Brasil. (BORDIGNON, 1968; WERLANG, 2006). Foi por isso que, em 1859, através de Decreto Imperial, foi criada a Colônia Militar, a fim de assegurar a soberania brasileira sobre a região. Posteriormente, em 1859 surge, uma nova disputa, agora de caráter interno, entre os Estados do Paraná e de Santa Catarina: A questão do Contestado. Esta só viria a ser resolvida com o fim do conflito - Guerra do Contestado - deflagrada, entre 1912 e 1916. (BORDIGNON, 1968; WERLANG, 2006). Assim, em 1917, o Estado de Santa Catarina cria quatro novos municípios no território que lhe coube da área anteriormente disputada, a fim de consolidar a posse barriga-verde da região. São criados, então, os municípios de Mafra, Porto União, Cruzeiro (atual Joaçaba) e Chapecó. Nessa época, o recém-criado município de Chapecó abrangia todo o grande oeste catarinense. (ALBA, 2002, p.17)

A formação socioeconômica do Oeste Catarinense resulta de um longo e peculiar processo histórico. Talvez o traço principal desta formação socioeconômica tenha sido seu longo isolamento e sua tardia incorporação à economia nacional.

A implantação da base militar tem um cunho de resguarda do território, além da passagem de tropas de gados pelas terras do Oeste e também de fazendeiros na criação de gado. Essas questões propiciaram a formação de novos povoados. Como acentua Poli (1995, p. 76), durante muitos anos, este “foi o único caminho para o trânsito das tropas, e, no seu trajeto, foram se formando fazendas e vilas, iniciadas principalmente nos locais de pouso, que se espalharam ao longo de toda a estrada”.

Com o fim do ciclo da pecuária, como lembra Renk (2006, p. 35), por volta de 1870, “o ciclo das tropas entra em declínio, concomitantemente com as fazendas de criar, resultando num movimento de dispersão da família fazendeira e fragmentação de grandes áreas, pelas heranças e partilhas”. A partir da dispersão dos fazendeiros, surgiram novas vilas e a penetração mais intensa de brasileiros denominados caboclos. Logo, esse povo ocupou as áreas florestais não ocupadas anteriormente, que vinham como excedente das fazendas e dos locais de matas para explorar a erva-mate.

O povoamento de caboclo se deu inicialmente ao longo do caminho das tropas, das quais a região de Chapecó também fazia parte e possuía erva-mate. Assim, surge o grupo de caboclos e de indígenas nessa terra que explorava a erva-mate e vendia para a Argentina.

Os caboclos levavam vida rudimentar, viviam em pequenos ranchos, produziam alimentos, criavam pequenos animais, porco, galinha e gado, e mudavam constantemente de residência. A atividade agrícola ficou conhecida como roça cabocla, em clareiras abertas na mata, através de queimadas, sem a noção de propriedade privada, com um modo distinto de viver e de se relacionar, na relação de sociabilidade com essa população nativa da época. Por isso, a extração da “erva-mate surgiu como possibilidade de atividade rentável após 1850” (RENK, 2006, p. 38)

Mas com a crise da economia da erva-mate, a partir de 1910, um novo ciclo econômico se inicia: o da extração da madeira, com uma proposta do Estado, para povoar a região considerada como um “espaço vazio”. (RADIM, 2009, p. 24). O território do primitivo município de Chapecó era visto como uma região despovoada, pois o recenseamento de 1920 nos mostra uma população de 11.315 habitantes. Concluiu-se, a partir dos dados, que “Chapecó, no princípio do século XX, não era um espaço vivido, pois não possuía contingente humano para a vida regional.” (PELUSO, 1991)

Assim, inicia-se a imigração de povos brancos do Rio Grande do Sul, que se intensifica a partir de 1940, com a chegada de novas levas de colonos do Rio Grande do Sul, constituídas por alemães, italianos e poloneses, que traziam consigo uma larga experiência no cultivo da terra. Essa imigração foi um projeto, em que o governo de Santa Catarina concedeu, a particulares e a empresas colonizadoras, glebas de terras para “preencher o vazio demográfico” (RENK, 2005; WERLANG, 2006). Assim, essa colonização de brancos tinha como função trazer o desenvolvimento econômico, além de transformações sociais, e culturais, a essa vasta área que era considerada despovoada e desprotegida pelo Estado.

Com a imigração de “colonos de origem europeia”, com seus costumes, crenças, formas de vida e, especialmente seu *ethos* do trabalho, esse grupo passou a se constituir como grupo social dominante, em relação aos nativos da terra (caboclos e indígenas) e estes foi expulso para espaços de menor importância econômica em que, “normalmente, a expulsão dos posseiros ocorria à revelia da justiça e dos órgãos oficiais do Estado, sendo as disputas resolvidas no âmbito privado e à força” (RADIN, 2009, p. 85).

A cultura do povo caboclo e indígena, de não acumulação econômica, fez com que esses grupos tivessem uma relação desigual na ocupação de espaços sociais e políticos, em comparação aos colonos europeus.

O caboclo sempre teve sua vida à margem da sociedade, servindo de mão de obra a fazendeiros, ervateiros e madeireiros. Embora representassem a maioria da população, os caboclos sempre foram despossuídos. Raramente conseguiam obter a propriedade de uma pequena área de terra, onde pudessem manter-se com suas pequenas roças caboclas. (POLI, 1995, p. 98)

Dessa forma, o modelo de colono almejado para o município foi aquele proposto pelo Estado, de imigrante europeu, esperado para civilizar este país. Assim, a colonização, amparada pelo Estado e incentivada pelas Companhias (ou Empresas) Colonizadoras foi a solução encontrada para a “missão de civilizar” a região. Os grupos populacionais tradicionais dos caboclos e dos indígenas, esses que a elite da época define como “atrasados”, foram mudando ao decorrer das décadas, por um grupo branco.

A exclusão deste grupo de pessoas encontra justificativa e legitimação na ideologia da colonização, do modelo de colono que conviria ao país “com vocação agrícola”. Nesse caso, podem-se incluir as empresas colonizadoras e os que delas passaram adquirir terras e conseqüentemente vieram residir no local. Contudo, as

fronteiras étnicas tornaram-se objeto de luta entre os grupos. Conforme Arlene Renk:

Os de origem, pela posição hegemônica que ocupavam no espaço social, tem a maior possibilidade de terem voz e vez para falarem de si, de seus feitos, de marcarem suas fronteiras, e de lutarem para imposição destas como fronteiras legítimas RENK (2004, p.31).

Dentre as Companhias de Colonização que atuaram na região do Município de Chapecó, a partir de sua criação após 1917, destaca-se a Empresa Colonizadora fundada por Ernesto Francisco Bertaso e os irmãos Agilberto Atílio e Manoel dos Passos Maia, em 1918, que se instalou no antigo povoado de Passo dos Índios (atual cidade de Chapecó) com um escritório. (CHAPECÓ, 2015)

Nessa perspectiva, a cidade se consolida nos traços arquitetônicos que ressaltam o poder hegemônico de um grupo branco na colonização de Chapecó, e a constante negação e exclusão da diversidade étnica local, identidade de um grupo de população regional. Assume-se assim uma base para a construção de uma identidade etnocêntrica e eurocêntrica, em que este grupo tem um estilo próprio dos costumes dos seus povos ascendentes da Europa.

Nos estudos de Arlene Renk (1997) sobre os “colonos de origem”, ela nos diz que as populações de origem é a nomenclatura adotada pelos povos brancos, em oposição aos povos caboclos e indígenas.

A maioria dos colonos que se instalaram em Chapecó a partir de então, provinham das antigas colônias do Rio Grande do Sul. Eram, no geral, descendentes de imigrantes europeus (italianos, sobretudo, e, em menor grau, alemães e poloneses). Assim, consolidou-se uma população de maioria branca, que predomina na cidade. Segundo o IBGE - 2010 apresenta-nos que 76,6% da população pertencem ao grupo branco; 19,2% parda, 2,6% preta; indígena 0,7% e 0,5% amarela. Oficialmente no município, comemora-se o evento anual itinerante, que acontece no primeiro sábado de julho, celebrando a gastronomia típica regional, além de mostra artístico-cultural e de produtos coloniais. Este evento é um dos atrativos da rota Italiana que compreende as comunidades de Colônia Cella, Colônia Bacia, Linha Batistello e Sede Figueira. (CHAPECÓ, 2015)

Na cidade de Chapecó, a população se apresenta desde o princípio da povoação, narrada pela história oficial dos dominantes, como sendo um local formado por imigrantes brancos, constituindo uma “identidade” destes. O bairro,

dessa pesquisa, pertence à cidade de Chapecó, também segue esta lógica de se constituir por migrantes da região, a partir da instalação da agroindústria X. Nesse local, constata-se que seus moradores são de vários grupos, principalmente daqueles “de origem”, termo anteriormente definido, e os de “não origem”.

Segundo o senso demográfico do IBGE- 2010, a cidade de Chapecó tem uma população de 183.530 habitantes, o bairro 3.552 pessoas. Assim, segundo dois senhores que residem desde o princípio no bairro, temos acesso a relatos de como era o local, anteriormente à instalação do frigorífico. No loteamento A, o senhor “João” nos descreve que quando chegou ao local, no ano de 1974, este era:

Só um banhado, (lugar com água e capim vegetal) com dois ou três moradores no local. Com a instalação da agroindústria X e a falta de lugar para os trabalhadores residir, foi aberto aqui embaixo esses lotes de terreno. Cheguei aqui para trabalhar, comprei logo o terreno, ai, duas quadras pra frente, e paguei conforme recebia por mês. Fui uns dos primeiro a fazer a minha casinha, e em pouco tempo ficou cheio de casebre, e foi aberto essa parte para cima do loteamento, ai já havia umas casas.

Já no loteamento B o senhor “José” descreve sobre a origem do povoado, em que:

Essa parte do loteamento fazia parte das terras da família, havia aqui três casas de familiares, logo ali na frente mais duas casas. Com a instalação do frigorífico, meus pais, foram trabalhar lá, daí como não havia moradias para os trabalhadores desta empresa, porque antigamente não havia ônibus e carros que nem agora, era a pé ou a cavalo, nem estrada tinha, era uns trilhos, e vinha gente de todo a região para trabalhar, pois faltava mão de obra. Daí o pessoal desta empresa (Dono da empresa) vieram falar com o pai e o tio, para vender um pedaço da terra, para construir casa aos trabalhadores de fora. Foi vendido uma listra de terra, aquela parte ai perto do mato, a empresa pagou, e a empresa descontava no salários dos empregados, e posteriormente foi loteada e vendido esta parte da terra para os moradores.

Segundo o relato de três entrevistados mais antigos, esses locais, anteriormente à instalação da agroindústria, eram uma área verde e de plantações. No loteamento B, havia uma olaria, e no loteamento A, lavoura e vegetação com banhado, além de uma pequena hidrelétrica, (PCH) que mais tarde foi desativada e de uma serraria, que já não existe mais.

A imigração dos moradores da região para este local está relacionada *a priori* com o trabalho na Agroindústria X. Para além da relação do dono da empresa com o bairro e seus trabalhadores, dois dos antigos residentes do loteamento B, o senhor José, ex-trabalhador, e o senhor “Nico”, que está trabalhando, lembram-se de como

o proprietário da Agroindústria X se relacionava com os trabalhadores e a comunidade. Assim, ambos nos relatam que:

Muitas vezes, o proprietário, ao chegar na empresa, cumprimentava os trabalhadores, ajudava a pagar o salário nas mãos dos trabalhadores em cheque, bem como negociou direto com a comunidade do loteamento B, em troca de um lote de terra que pertencia a empresa no outro lado do rio, e deste lado o lote da comunidade do loteamento.

Também nessa mesma lógica, de relação com o loteamento A, o senhor João destaca que “vinham pessoas “a fuzel” (bastante) da região para trabalhar aqui na empresa, e a maioria do pessoal aqui do Bairro é imigrante da colônia (meio rural)”.

Este fato é percebido nas histórias sobre a compra do terreno, de como foi para quitá-lo e negociá-lo, sendo que a formação do bairro está relacionada à vida do trabalho da empresa. Também os brasileiros que são inquilinos dos proprietários das casas, operários ou não da agroindústria, têm seus motivos pessoais de procurar o bairro para residir. Assim, um jovem que chamarei de “Carlos” diz que “aqui é tranquilo de viver, perto do trabalho”. Uma mulher, que denominei de “Maria” já trabalhou no frigorífico, sendo que atualmente trabalha no centro da cidade, no comércio. Ela fala que “quando vim para trabalhar na agroindústria X, escolhi este bairro, por ficar próximo, e mesmo tendo saído do trabalho, continuo residindo aqui, pois é uma tranquilidade”.

Na atualidade, observa-se que o bairro é possui infraestrutura urbana, com escolas, igrejas, praças de lazer, saneamento básico, etc. Porém, nem sempre foi assim; os senhores João, José e Nico nos falam da construção das suas casas, na participação da vida da comunidade, para construir as infraestruturas por meio da participação dos moradores, através da promoção de eventos para arrecadar fundos, cada um ajudando um pouco, ou reivindicações junto ao poder público municipal, em que eles e outros moradores mais antigos estiveram engajados. Por meio desta jornada, a comunidade pode, atualmente, usufruir destes espaços.

Entre os trabalhadores brasileiros, há um consenso da comodidade e da tranquilidade que este espaço representa, devido ao perfil de moradores que historicamente ali residem, mesmo aqueles que vêm para trabalhar no frigorífico, ou os a que ainda não conseguiram adquirir uma casa própria em outro bairro da cidade. Tomemos o seguinte relato como exemplo:

Já poderia ter ido morar em outros bairros, que são mais barato o aluguel, mas pensa o cara vir trabalhar de madrugada, e ter que esperar o ônibus, você perde muito tempo, e como a gente ouve dos roubos, tem pessoal lá na empresa, que chegaram em casa, e levaram tudo dentro de casa, imagina! Chegar em casa cansado, e sem nada, por isso, prefiro morar aqui, pela comodidade, em dez minutinhos estou no trabalho, e aqui ninguém mexe em nada, estou esperando, vamos ver se consigo financiar uma casa, mas saio daqui se consegui a minha casa. (Entrevistado: Carlos, 2015)

O que enche de orgulho os moradores é que, segundo os entrevistados, são trabalhadores, pessoas “do bem”, que estão labutando, visando adquirir bens materiais, para levar uma vida digna, como aqueles moradores mais antigos, que, ao passar dos anos, construíram as casas em que residem, estas que agora são locadas pelos demais trabalhadores da região e para estrangeiros.

Os moradores brasileiros fazem uma autoimagem de serem trabalhadores, pessoas ordeiras, que conseguiram ter suas casas com o trabalho na agroindústria, e de residirem próximo do ao emprego. Assim, constrói-se um perfil de moradores imigrantes, formando uma identidade cultural e regional de origem.

3 NEGROS E ESTRANGEIROS: NOVA ONDA DE IMIGRAÇÃO.

3.1 A IMIGRAÇÃO DOS TRABALHADORES AO BAIRRO.

A economia do Brasil, a partir de 2010, foi considerada aquecida, com pleno emprego e empresário reclamando falta de mão de obra nas atividades laborais. A cidade de Chapecó é um exemplo próximo dessa situação de falta de trabalhadores para as agroindústrias da cidade. Todos os sistemas de atração e seleção das empresas faziam propagandas para atrair funcionários para seu quadro de trabalhadores, com oferta de cestas básicas ou, até mesmo, dinheiro para o colaborador que indicasse algum conhecido que quisesse trabalhar no frigorífico. Também era divulgado no rádio, da cidade e da região, bem como carros de som passando nas ruas da cidade anunciando a disponibilidade de vagas de emprego.

Apontando para uma nova onda de imigração na cidade e no bairro, atualmente encontra-se a vinda de estrangeiros negros, sobretudo haitianos e senegaleses para trabalhar e construir suas vidas longe de suas terras natais. Esses imigrantes, na condição de trabalhadores da Agroindústria X, vêm em busca de se refazerem economicamente, por meio do trabalho. Acerca deste processo na contemporaneidade, afirma-se que:

Individual ou coletiva, a migração contemporânea é motivada por diferentes circunstâncias e fatores ligados, de algum modo, a uma sociedade complexa, globalizada, interdependente, marcada mais pela concentração da renda, desequilíbrios socioeconômica, pelos conflitos, pela intolerância, do que pela liberdade de migrar, respeito à igualdade e à dignidade humana (MARINUCCI; MILESI, 2012)

Estes trabalhadores imigrantes, residentes nesta cidade, fazem parte de um ciclo do mercado capitalista globalizado, devido à necessidade e a falta de oportunidades em seus países de origem. Esta falta de oportunidades deve-se às condições econômicas e sociais, as quais os impelem a buscar trabalho em outros países, portanto, as agroindústrias da cidade, com abundante oferta de emprego braçal, facilitam a sua ocupação profissional destes cidadãos.

Como já salientado sobre o perfil branco da composição da população chapecoense, a chegada dos estrangeiros na atualidade é uma nova realidade,

sendo um grupo com uma identidade cultural e de fenótipo bem distintos da população local, que compõem a região Sul do Brasil.

O poder sobre o grupo que se trata de trazer a existência enquanto grupo é um poder de fazer que o grupo impondo-lhe princípios de visão e divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma idêntica da sua unidade. (BORDIEU,1930, p.117).

Com base em tais afirmações, é evidente que a luta de imposição de identidade, por parte do grupo brasileiro, transforma-se em um jogo de poder. Poder este que, por mais que seja disputado por outros grupos de identidades culturais distintas, já tem resultado direcionado ao grupo consolidado no local.

No que se refere ao bairro, certamente o grupo de moradores estabelecidos não estranharia a imigração, caso esta fosse de brasileiros da região, pois a cidade é fruto deste fenômeno. Assim, um morador do grupo estabelecido nos diz que a chegada dos estrangeiros causou estranheza entre os brasileiros, pois a “diferença entre brasileiro e estrangeiro, no começo deu um baque (impacto, estranhamento) aquele negócio da cor deles, os brasileiros” (Adão). Questiona-se, então, o motivo que leva a tal pensamento preconceituoso. O grupo dos estrangeiros, por ser de outra nacionalidade e negros, eles destoam do perfil tradicional de imigrantes, em que a maioria da população da região é de grupo branco. Já em relação à imigração de estrangeiros negros para o bairro, há quem ache interessante, pois, segundo relatos, “tem uns que tem medo (dos imigrantes), causa curiosidade, até mesmo o pessoal que vem de outros estados pra cá causa um reboliço aqui” (Maria). Para responder a estas perguntas, temos que buscar em pesquisas consolidadas que expliquem os reais motivos da povoação e colonização da região, além de relacioná-los com a pouca presença do grupo de afrodescendentes na sociabilidade.

Por mais de trezentos anos, a maior parte da riqueza produzida e consumida no Brasil (ou exportada) foi fruto da exploração do trabalho escravo. Esta atividade escravista envolveu todas as partes do país em seu processo. As mãos escravas extraíram ouro e diamantes das minas, plantaram e colheram cana na região Nordeste, além de café, cacau, e outros produtos tropicais de exportação. Os escravos também trabalhavam na agricultura de subsistência, na criação de gado, na produção de charque, e, principalmente no Rio Grande do Sul, nos ofícios manuais e nos serviços domésticos.

No estudo sobre a história do negro no Brasil, Albuquerque (2006) nos diz que possuir escravos não era privilégio apenas dos grandes senhores de engenho, fazendeiros de café ou de pessoas ricas das cidades. Até a primeira metade do século XIX, a propriedade escrava estava bastante disseminada entre as diversas camadas da sociedade, inclusive entre os mais pobres. Por isso, não eram apenas os grandes senhores que tinham interesse na manutenção da escravidão.

A escravidão foi muito mais do que um sistema econômico. Ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência. A partir dela instituíram-se os lugares que os indivíduos deveriam ocupar na sociedade, quem mandava e quem devia obedecer. Os cativos representavam o grupo mais oprimido da sociedade, pois eram impossibilitados legalmente de firmar contratos, dispor de suas vidas e possuir bens, testemunhar em processos judiciais contra pessoas livres, escolher trabalho e empregador. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 66).

No passado, não muito distante, cerca de dois séculos, os intelectuais brasileiros tiveram uma “brilhante ideia” para a resolução dos problemas da Nação brasileira. Esta ideia está alicerçada no branqueamento da população, que, segundo seus defensores, em poucas gerações, teríamos um povo regenerado dos males que os afetava e que envergonhava as elites brasileiras, por terem uma população de pretos emprestáveis e analfabetos, resultados da escravidão e da servidão.

Considerando que a presença do negro no país foi algo forçado, visando à escravidão destes, a geração atual de afro-brasileiros, encontra em seus antepassados uma história nebulosa, por estes serem trazido em porões de navios negreiros para aqui trabalharem sob um regime escravocrata, sem o mínimo de direitos individuais, sociais e políticos. Esta situação justifica o fato dos escravos não conseguirem desenvolver a cidadania, porque não eram considerados pessoas com alma, mas sim como objeto. Já os imigrantes brancos, após o século XIX, tiveram melhores condições de se reproduzirem socialmente e expressarem seus costumes originais.

Assim, Darcy Ribeiro (1995, p.131) nos diz que existe disparidade desde o princípio do negro em nosso país que há diferença do negro “enculturado” no continente Africano, e no Brasil, em que na sua essência, ele permanece ele mesmo, já, aqui no Brasil, esteve em busca de alguém para confraternizar.

Já em território brasileiro, os portugueses separavam os escravos para não deixarem junto às mesmas pessoas de um determinado espaço geográfico ou com

algum grau de parentesco. Em contrapartida, na imigração europeia, os colonos eram estabelecidos todos em um mesmo espaço geográficos, formando verdadeiras “ilhas” de grupos, conforme costumes e religião dos seus países de origem, além de que eram livres.

Numericamente, a presença do negro em território catarinense é baixa. Esta população, conforme classificação do IBGE- 2010 é de 2,2%; seguida de 19,6% de pardos. Muito deste reflexo é proveniente do passado, devido a pouca presença da população afro-brasileira na cidade, baseada na relação da região com o processo da colonização originária, em que a presença de portugueses, por ser uma terra com pouco interesse econômico para Portugal, foi demandada, logo, marcada por poucos escravos. Após o século XIX, esse espaço foi ocupado pelos descendentes oriundos dos colonos europeus.

Em relação à população negra no Brasil, após a libertação pela lei Áurea, este grupo de pessoas ficou sem ter para onde ir, em uma nação que a elite branca não mais o queria. Desta maneira, construiu-se sobre o grupo negro uma imagem de subordinação e de estereótipos, que prevalece ainda na atualidade, com o objetivo de legitimar seu lugar de subalternidade na sociedade.

Quando se trata da antiga imigração de colonos, ou seja, os colonos de origem na atualidade, esta é a base da população de Chapecoense. Ela é realçada por ser um grupo de “desbravador”, um povo que tem “cultura e origem” e assim, perpetua-se uma saga de homens de bons costumes, que, como aponta no estudo de Elias e Scotson, sobrepõe-se em relação aos outros.

Acima de tudo, desenvolveram como arma uma ‘ideologia’ [...], que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior. [...] Sua ideologia de *status* disseminou-se e foi mantida por um fluxo constante de fofocas, [...] que se agarrava a qualquer acontecimento entre as pessoas da outra zona capaz de reforçar a imagem “negativa do loteamento”. (ELIAS, 2000, p. 65).

No nosso caso de pesquisa dos moradores do bairro Pitanga, o grupo estabelecido tem orgulho de ter um título simbólico, o qual exibem com euforia por se tratar de um grupo de brancos, ligados ao “progresso” da população do estado de Santa Catarina e da cidade de Chapecó. A cor/raça se faz presente no imaginário social desses moradores, há um *ethos* e costumes de seu povo, que está relacionado à raça. Assim, o entrevistado “Nico” nos descreve: “Os fatores sociais de

índices bons do estado tem relação com a imigração europeia, os traços o jeito do povo europeu, povo guerreiro, batalhador, isso vem ficando, uma herança genética que fica, e a gente carrega isso.”

Oficialmente na cidade há uma veneração pública a este grupo, representado na figura máxima do monumento do “colono desbravador”, em praça pública, como símbolo da população. No bairro, não se tem uma estátua com esta figura, mas o grupo estabelecido tem orgulho de um *tatus* social hierárquico, de que são imigrantes e trabalhadores, com costumes e tradições gaúchas, que os aproxima da identidade ideológica de dominante.

Seguindo a lógica de que o bairro é um local de trabalhadores, e que se constitui pela imigração, a partir de 2012, começam a chegar os estrangeiros haitianos e senegaleses para residir e trabalhar no frigorífico. Porém, esta não se trata de uma imigração tradicional do espaço. Refiro-me ao fato de esses novos inquilinos serem pessoas que vieram de países cuja população é negra.

No estudo de Elias e Scotson (2000) sobre os Estabelecidos e Outsiders, eles nos relatam que naquela comunidade, a recente imigração de moradores causou um “desconforto interno” na sociabilidade daqueles moradores, e que a acusação de cunho pejorativo e preconceituoso era uma arma ideológica que um grupo mais antigo utilizava para ser visto como melhor socialmente. Cria-se uma identidade fictícia de que o grupo dos estabelecidos pertence a “minorias dos melhores” e que são mais dignos de prestígio que os novos moradores.

Desde o início, com essa nova imigração no bairro, houve estranheza dos moradores estabelecidos, da mesma forma que o grupo de Elias (2000) “cerraram fileiras contra os intrusos, usando todas as armas características de que dispõem as comunidades bem estabelecidas e razoavelmente unidas”. No caso do bairro de trabalhadores, os moradores brasileiros têm uma noção de que o trabalho lhes pertence e que deve ser exclusivo para seu grupo. Bem, como já descrito o perfil originário da população, são de majoritariamente de pessoas brancas, essa nova migração dos senegaleses e haitianos causa uma estranheza na sociabilidade dos moradores brasileiros, pois estão diante de uma situação até então não corriqueira. Assim, um senhor do grupo estabelecido, que denominarei de “Pedro”, define que há “diferença entre brasileiro e estrangeiro, no começo deu um baque (impacto, estranhamento) aquele negócio da cor deles, os brasileiros não aceitam bem, é estranho”.

Nas observações *in loco*, percebe-se que os moradores destes loteamentos se deslocam ao trabalho caminhando, logo, o fluxo de pessoas é grande, uns saindo, e outras retornando. Observa-se que, entre os trabalhadores brasileiros, estes vão sozinhos ou em grupo (de brasileiros). Os trabalhadores estrangeiros também se deslocam caminhando até o trabalho. Estes vão, a maioria, sozinho (a) na rua, ou quando em grupo, eles andam em fila indiana, com dois ou três metros de distância um do outro. Se houver brasileiros e estrangeiros na avenida, esses não caminham juntos, geralmente o estrangeiro fica para trás, no mesmo sentido da via.

3.2 OS MOTIVOS DA EMIGRAÇÃO.

Buscamos aqui entender os motivos pelos quais essas pessoas haitianas e senegalesas vieram para a cidade, e em especial para este bairro, além de investigar sua relação com os moradores tradicionais do local.

Conforme dados geográficos gerais, o Haiti é um país localizado na América Central, de aproximadamente 11 milhões de habitantes, com uma densidade populacional de 292 habitantes por m² e o pior IDH (índice de Desenvolvimento Humano) fora da África, de 0,464 – o mais baixo das Américas (ALVES, 2014). Foi o primeiro país no mundo a abolir a escravidão e a segunda colônia a se declarar independente mundialmente.

A população haitiana, atualmente, é de 10.461.409 habitantes, (IBGE países, 2014) dos quais 44,5% estão em condição de subnutrição. Segundo dados do Banco Mundial, 84% dos egressos universitários haitianos passam a viver fora do país com o término de seus cursos superiores. Os elementos sociais, econômicos e políticos deste drama, caracterizaram historicamente o país como um país de emigração, com tradição migrante.

Além dos problemas socioeconômicos que se arrastam há anos no país e aprofundam sua desigualdade estrutural, o terremoto de alta magnitude que o acometeu em 12 de janeiro de 2010 acirrou a manifestação de uma crise latente, ao atingir cerca de 3 milhões de pessoas, provocar aproximadamente 220 mil mortes e desabrigar perto de 1,6 milhão dos seus habitantes (MOZINE; FREITAS; RODRIGUES, 2012; THOMAZ, 2013). Por essas e outras situações, em que o Brasil e o Haiti estreitam relações diplomatas, faz com a migração haitiana para o Brasil

inicia com força em 2010, por um condição de vistos humanitária. (ESTADÃO, 12 DE AGOSTO DE 2012).

Com o acordo de Cooperação Técnica e Científica entre o governo brasileiro e governo haitiano (2004) inicia-se a presença brasileira no Haiti. Há um desenvolvimento progressivo que se acentua após o terremoto de 2010, como consequência, abrindo canais legais para acolher haitianos no Brasil. Também instituições brasileiras não governamentais aprofundam serviços humanitários visando o desenvolvimento do povo haitiano. (ZAMBERLAN, J. BOCCHI, L. CORSO, G. CIMADON, J. 2014. 28 p.)

No que se refere ao perfil da população que emigra deste país, encontra-se os que possuem ensino superior, e que não encontraram aplicação vantajosa financeiramente aos seus ofícios no país, em virtude da pouca oportunidade de emprego e remuneração. Há, também, a população mais pobre, que visa outro país para suprir suas necessidades básicas e familiares. O desenvolvimento do capitalismo no Haiti é produto e produtor do comércio colonial, das revoltas escravas, da Independência Negra a 1º de Janeiro de 1804 e da marginalização secular do país pelo imperialismo. Estes processos se inserem na criação e reprodução de subalternidades e hierarquias étnicas e de classe, elementos fundantes da apropriação pelo capital da mobilidade internacional da força de trabalho haitiana (COVARRUBIAS, 2010). Portanto, justifica-se esta tradição migrante no país, pois esta é um processo histórico que se interligado à própria forma com a qual o capitalismo desenvolve-se no país, criando e recriando desigualdades nacionais. Os elementos sociais, econômicos e políticos deste drama, condicionam historicamente o país como um país de emigração, criando nele uma tradição migrante (MAGALHÃES, 2014). Um considerável contingente populacional não tem emprego e é ameaçada cotidianamente pelas condições econômicas e sociais de onde vivem.

Assim, a imigração se torna uma alternativa, e uma boa parcela da população ativa e de condições laborais aptas, parte em busca de uma oportunidade de trabalho, que se apresenta para todos os estratos sociais da população haitiana, de modo que podemos constatar, através dos relatos dos entrevistados, que a migração é um projeto de vida para alguns, visto positivamente, já para outros, nem tanto. Esta ação exige recursos financeiros familiares. Tratando deste assunto, vale acrescentar que, para além dos imigrantes haitianos que estão aqui no Brasil, há outros na França, e principalmente nos Estados Unidos.

Fazendo-se uma correlação do tipo de trabalho que os imigrantes têm na cidade de Chapecó, com o índice de escolaridade, verifica-se que muitos dos que possuem o Ensino Médio Completo e formação técnica, ou até mesmo o Superior completo ou incompleto, esses indivíduos trabalham em frigoríficos na cidade.

Inferre-se que os imigrantes haitianos entrevistados, mesmo possuindo formação, não nutrem expectativa de trabalharem nas áreas em que atuavam no Haiti. Outro aspecto perceptível é que, ao chegarem ao Brasil, buscam, acima de tudo, garantir o seu sustento. A maior perspectiva é conseguir trabalho, residência, além de aprender a falar português, pois, para muitos, o desconhecimento do idioma é uma barreira penosa. Assim, ao obter o meio para subsistência e recursos para começar a ajudar os familiares que estão no país de origem, estes imigrantes já atingem algumas de suas perspectivas, pois suas famílias, muitas vezes, dependem dos migraram, que estão aqui no Brasil, para satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência no Haiti.

Dentre os entrevistados estrangeiros, os que não têm muito estudo, trabalhavam na construção civil em seus países (Haiti e Senegal). Um destes fala um pouco da escolha de migrar e da responsabilidade que lhe está atribuída, além dos percalços que encontra em solo brasileiro. Denominá-lo-ei de “Maneco”, vejamos o ele nos fala:

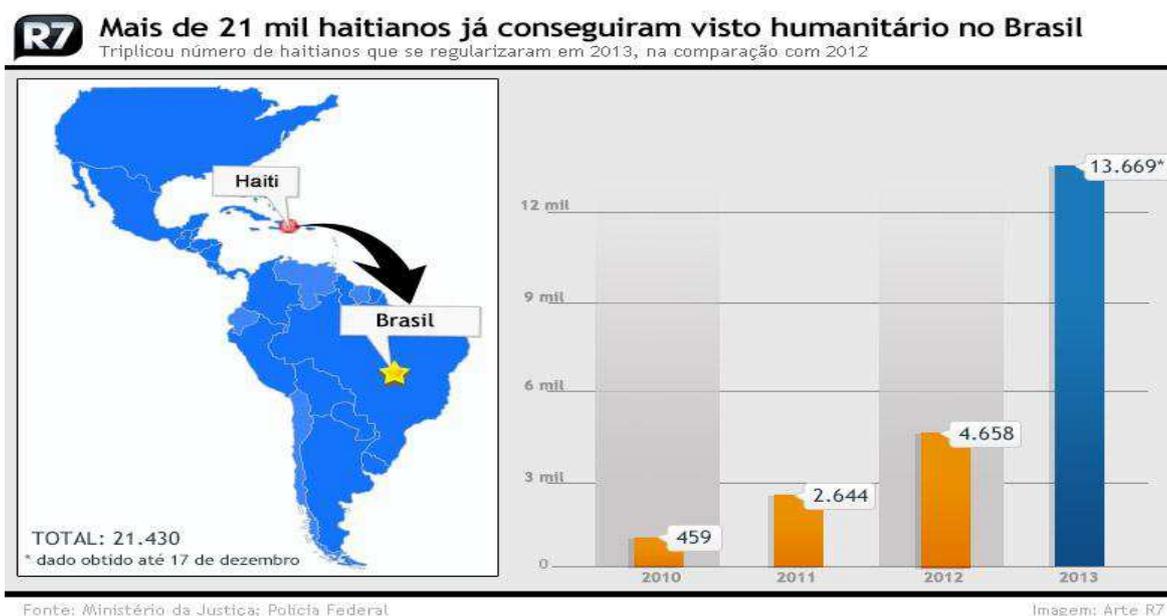
Foi todo um esforço para estar aqui no Brasil, dois anos trabalhando em São Paulo, e um ano aqui na agroindústria, e o salário mal dá para se sustentar, por que aqui é muito caro o aluguel, ninguém ajuda, é difícil mesmo, família lá, e mandar o dinheiro do empenho da casa da mãe, e dos que ficaram lá, se não paga, ela perde a casa.

Já outro jovem haitiano, que possui formação acadêmica e é trabalhador da agroindústria, denominei de “Manoel”. Ele relata sobre a sua vinda ao Brasil, dizendo que o “país abriu as portas para trabalhar, no Haiti falta trabalho, não tem nada de emprego, dinheiro pouco, não da vida mais lá”. Também outro morador do grupo de estrangeiro, este com formação técnica, que chamarei de “Newton”, migrou para Chapecó por causa do trabalho, soube de oportunidades pelo primo-irmão, que já trabalhava nessa agroindústria X. Podemos constatar que todos os estrangeiros estão aqui para adquirir uma condição de vida melhor, a de si ou a de sua família que ficou no país de origem. A questão imigratória de haitianos no Brasil é vista sob duas perspectivas perante o órgão do Estado (Ministério da Justiça Polícia Federal).

Os refugiados “legais” e os “ilegais” (clandestinos). No caso, dos legais, eles são os que têm a documentação de visto, por uma questão humanitária, climática e de acordo de cooperação política da República Federativa Brasileira e da República Federativa Haitiana. Já para os imigrantes ilegais ou clandestinos, para os órgãos da justiça, eles são indocumentados, ilegais, sem poder para acessar as repartições do Estado. Mas em nível social, na percepção dos brasileiros e do mercado de trabalho, esses estrangeiros se enquadram em outra categoria, a de “não qualificados”, ou seja, são pessoas que não estudaram, sem condição econômica de vida no seu país, pertencentes a uma “cultura inferior”, portanto, disponíveis para qualquer tipo de trabalho.

O gráfico a seguir mostra somente a evolução de haitianos que receberam Visto Humanitário Permanente.

Gráfico 1 Aumento de vistos para haitianos



Fonte: Ministério da Justiça; Polícia Federal.

Tomando os dados mensais de ingressos de haitiano no Brasil, até o final de 2014, estima-se a entrada de 50 mil haitianos “legais ou ilegais” no país. (FERNANDES, 2014)

No que refere à presença de imigrantes senegaleses na cidade de Chapecó, o número é bem reduzido em consideração aos haitianos. Mas eles também pertencem ao grupo dos *outsiders*, por serem negros e por virem de um país e continente considerado periférico dentro do Sistema Capitalista. O Senegal, com

uma população de 14.548.171 milhões de habitantes, (IBGE – países) localiza-se na África, e uma grande parcela de sua população tem pouca perspectiva de vida, por causa das dificuldades sociais da população. Os jovens desse país visam uma melhor condição de vida por meio da migração. É o caso de um jovem senegalês, que chamarei de “Aluízio”, com ensino superior completo, que trabalha em serviço geral aqui em Chapecó. Ele relata que “na atualidade, os jovens viajam, estão na Itália, França, EUA, aqui no Brasil, tem pouquinho de senegalês em Chapecó, e escolhi vir para o país porque tem um irmão que reside há oito anos em São Paulo e me falou do trabalho”.

No que se refere à quantidade de imigrantes na cidade de Chapecó, não se tem um número exato, mas um levantamento preliminar, no primeiro semestre de 2015, realizado pelo sindicato dos trabalhadores das agroindústrias de carnes e derivados (SITRACARNE), estima em 2500 imigrantes. No bairro, há bastante migrantes, pela proximidade do trabalho e por ser uma área que possui casas para serem alugadas aos trabalhadores da agroindústria.

3.3 O NEGRO NAS RELAÇÕES SOCIAIS BRASILEIRAS.

Por um longo período da história (século XV ao XVIII), as pessoas negras foram objeto de comércio e de escravidão, foram trazidas forçadamente do Continente Africano para o território que denominamos de Brasil. Caio Prado (2011) na obra *Formação do Brasil Contemporâneo* aponta que o povo português, no domínio das técnicas marítimas e de empreendimento da produção de cana-de-açúcar, conseguiu em terra dos trópicos a pujança de coordenação de uma cadeia produtiva, baseada em fazer outras pessoas (povos do continente Africano e dos indígenas) trabalharem em regime de escravidão.

Também Sérgio Buarque de Holanda, na obra *Raízes do Brasil* (1995) descreve a motivação das ações dos portugueses:

O que os portugueses vinham buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas a riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho. A mesma, em suma, que se tinha acostumado a alcançar na Índia com as especiarias e os metais preciosos. Os lucros que proporcionou de início, o esforço de plantar a cana e fabricar o açúcar para mercados europeus, compensava abundantemente esse esforço – efetuado, de resto, com as mãos e os pés

dos negros -, mas era preciso que fosse muito simplificado, restringindo-se ao estrito necessário às diferentes operações. (HOLLANDA, 1995, p. 49)

Em 1882, o Brasil passa de colônia para país independente, com a maioria da população negra ou mestiça, mas continua com o regime de uma monarquia constitucional sob uma constituição outorgada, com um poder executivo forte e um parlamento consentido e limitado. A escravidão é mantida.

Em 1888, com a Lei Áurea, é decretada a liberdade dos negros, mas isso não mudou a forma de pensar e de agir da elite brasileira. Com o fim da escravidão no Brasil, muitos negros foram expulsos das fazendas e ficaram sem ter onde morar nem como sobreviver. Uma boa parte da elite brasileira não queria que os negros assumissem os novos postos de trabalho que estavam surgindo no Brasil, então, a preocupação da elite era embranquecer o país com imigrantes vindos da Europa.

“Quando a civilização europeia entrou em contato com o negro, todo o mundo concordou: esses negros eram o princípio do mal.. negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais...” (FANON, 1980, p. 154)

A ideologia da inferioridade dos negros, que foi forjada durante séculos pelos europeus com o aval do cristianismo, levou-os a viver sempre sob a subordinação eurocêntrica. Esse processo ajudou a construir uma imagem negativa do negro, que em primeiro momento os Portugueses escravizaram, e posteriormente os mesmo foram “marginalizado” diante da sociedade brasileira, não tendo chances de progredir economicamente e socialmente.

As ideias iluministas de uma parte da elite nacional do século XIX, interligadas com as da Europa, propuseram um projeto político de “progresso” ao país, visando abolir a escravidão, vinculavam a implementação da “abolição” à ideia da importação de mão de obra europeia (branca). Acreditava-se ser esse o remédio do progresso para a Nação.

Segundo pensamento da época, expressado por Franco (1821), explica-se o processo de “transformação racial” para o Brasil. Ele acredita que, com a mestiçagem dos negros com os brancos, aqueles perderiam os traços da cor preta, do cabelo, dos beiços e narizes grossos e chatos. Assim, dentro de três gerações, a

“raça negra” podia ser “reduzida” consideravelmente e, deste modo, criar-se-iam as condições necessárias para a construção de uma nação livre e forte nos trópicos.

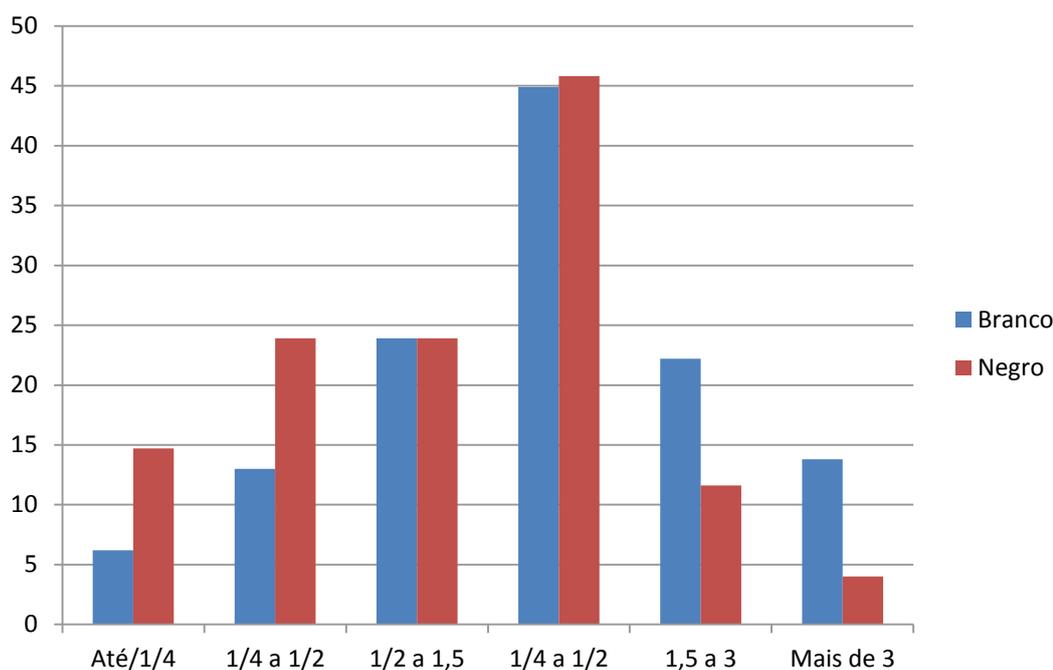
Na verdade, com esse projeto de branqueamento que as elites brasileiras propuseram para a população, o intuito era “melhorar a genética”, justificando-se no princípio de que os brancos europeus eram de uma cultura superior. O que se pretendia remete a uma teoria da biologia, em que Charles Darwin acreditava na seleção e evolução naturais das coisas. Assim, a evolução genética, no caso da população brasileira, para os pensadores da época, seria a “porção mágica” para o progresso da Nação.

No racismo aparece a desigualdade de valor das raças e com ela uma demografia “qualitativa”. Justifica agressões, colonização como processo civilizatório, etc. A mistura das raças apresenta-se como fator de degenerescência. Acrescenta-se que o racismo se liga aos fenômenos de classe. As classes, nesta interpretação, também desvendaria uma seleção natural entre as raças superiores. As guerras e a fome apareceriam, no limite de certas concepções, como a redução natural e necessária de povos e camadas atrasadas. (DAMIANI, 2009, p. 22)

O branco é assinalado por valores de construção social, de ser boa pessoa, de boa aparência e trabalhadora. Esta construção atua no senso comum de todas as camadas sociais. No Brasil, a pobreza tem cor e o preconceito racial também, e, mais que isso, ela não só limita-se por classe, ela está diluída em todas as classes sociais, inclusive dentro de uma classe considerada elitizada. Um exemplo, como exemplo, temos os cargos de executivos: o sujeito negro (a) recebe menos que o outro executivo branco. Portanto, o jargão de que “o problema limita-se à classe social” não se sustenta em nossa sociedade.

Para ilustrar a disparidade econômica na participação entre negros e brancos, de acordo com faixas de renda *per capita* familiar, baseadas no salário-mínimo, observamos dados de setembro de 2012. A renda é um bom indicador de acesso a bens e serviços, pois possibilita identificar as desigualdades raciais entre as famílias no Brasil.

Gráfico 2. População por faixas de renda mensal per capita familiar (RPCF) em múltiplos do salário mínimo de setembro de 2012, segundo cor ou raça (Brasil, 2012) (Em %)



Fonte: PNAD – Micro dados.

Como se percebe na situação econômica entre brancos e negros no país, especificamente quando todos são trabalhadores, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, em que, no meio social, vai ser um eficiente mecanismo de poder, que lhes dá um maior *status* em relação ao não branco, como é evidenciado em casos cotidianos, em piadas de mau gosto, em anúncio de emprego, em que o contratante informa que procura uma pessoa com “bons costumes e boa aparência”, o que não é pouca coisa.

Ao comparar a escolaridade de brancos e negros, medida pelo número de anos de estudo efetivamente concluídos, historicamente, há uma disparidade no nível de estudo do grupo negro, sendo para menos. Nessa desigualdade entre os dois grupos surgem à discriminação, que se acentua por exclusão, restrição ou preferências, motivadas por raça, cor, fenótipos.

O preconceito e a discriminação no meio social se apresentam, sistematicamente, de forma difusa e velada, sendo algo que julga os sujeitos. Nesse sentido, o grupo do negro aparece sendo o que se contrapõe às qualidades de caráter, como lealdade, compromisso e honestidade, propósitos que afirmam valores e regras éticas. Se um grupo não é portador das “qualidades sociais e morais”, o preconceito racial está inculcado no meio social, em que o grupo branco acha natural inferiorizar o outro, como uma marca de distinção social.

4 ESTABELECIDOS E OUTSIDERS: DOMINAÇÃO DE PODER EM UM BAIRRO DE “TRABALHADOR”.

“O estrangeiro e o brasileiro” é uma análise utilizando-se dos conceitos de *estabelecido* e *outsiders*, estudado por Norbert Elias e Scotson (2000) que discorre acerca das normas de socialização e relações de poder estabelecidas numa pequena comunidade. Tratamos aqui também de uma análise semelhante de poder, em que há dois grupos definidos na sociabilidade da nossa pesquisa. Salientamos que esta pesquisa não tem um período longo e denso, como a pesquisa de Elias (2000). Sendo assim, essa pesquisa de campo se restringe efetivamente de quatro meses, mas, em relação às observações informais, pode-se dizer que ultrapassa um ano e meio, pois o objeto de estudo faz parte do meu cotidiano.

A categoria de grupo *Estabelecidos*, compreendida nessa pesquisa, é utilizada para possibilitar uma afirmação de “poder e *status*” e está na representação simbólica de uma autoimagem, construída socialmente pelos moradores mais antigos de determinada região, calcada em valores e tradições de um grupo branco, que se solidificou na sociedade Chapecoense. Já a categoria *Outsiders* refere-se ao grupo de imigrantes, ou o grupo de sujeitos, representado como “desprovidos das qualidades morais próprias dos brancos”, sendo pessoas estigmatizadas socialmente na sociabilidade do bairro.

A robustez na relação de poder de grupo é entendida, no contexto histórico em que se constitui a sociedade brasileira, na qual sempre prevaleceram determinados juízos de valores ideológicos do grupo branco, em prejuízo dos demais grupos não brancos.

No Brasil, a primeira subordinação do povo negro foi baseada na escravidão pelos portugueses, foi assim que eles passaram de africanos para negros. Após o período de escravidão de 1888, o grupo de negros libertos foi considerado um fardo que mancharia a imagem do Brasil, e era um empecilho para o desenvolvimento do país. Então, surge no final do século XIX e XX a teoria do branqueamento. O maior expoente intelectual da época, Oliveira Vianna (1956), na obra *A Evolução do Povo Brasileiro*, defende o processo de clareamento da população brasileira, que renegava a participação da população negra na formação da identidade de nosso país. Para Gilberto Freyre, na obra *Casagrande e Senzala*, em meados do século

XX, ele sintetiza que no país a população vive em perfeita harmonia, na qual fala da “Democracia Racial”.

O discurso performático em nosso país do branqueamento, consolidado por Viana, estava sob a ótica de um grupo branco, que queria formar uma nação em que sua população fosse um grupo de brancos; ou a de Freyre, em que todos os grupos viviam em perfeita harmonia. Ambas as teorias, que buscavam estabelecer uma identidade nacional de sua população, estão sobre o controle de um grupo, e afirmam-se na relação de valores sociais e culturais de grupo. Essa é a ferramenta essencial de poder, em que o grupo negro no Brasil deve favorecer o grupo dominante branco, seja para se “clarear”, ou por ser “iguais”.

Por essa razão, a prática política do racismo, é uma atividade do grupo dominante elevando sua autoimagem, fazendo com que os dominados sofram a descrença social. O que faz com que o indivíduo ou o grupo se coloque em situação favorável ou desfavorável? Assim “o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo”. (ELIAS, 2000, p.24)

Em Chapecó, é comum que, quando os indivíduos do grupo estabelecido falem de si, haja a positivação de sua autoimagem, elevando seus valores e costumes como classe de trabalhadores, bem como demonstra um perfil de “ser” trabalhador, que possui as coisas (bens materiais, casa, carro), porque sabem poupar. Já, ao se referir ao grupo de estrangeiros, a representação do *outro* é inferiorizada. Essa inferioridade humana associada aos estrangeiros é por motivos banais, em que, no discurso dos brasileiros, estes trazem qualquer motivo banal e infundado para praticarem a discriminação. Isso traz consequências, porque há um grupo dominante solidificado no meio social, em que seus integrantes seguem a mesma filosofia de pensamento; já os de fora (*outsiders*) estão nessa situação de inferiorizados porque não possuem princípios de valores culturais, distintamente do grupo de *estabelecidos*. Essa percepção pode ser constatada quando um brasileiro nos diz: -“eu não entendo, quero que você veja por ai, e veja se um dos nossos tem um celular que nem os deles”. (Entrevistado Adão)

A questão é torna-se mais relevante na medida em que a distinção de grupo na sociabilidade do bairro se dá por coisas banais. É o que ocorre na distinção entre os grupos dos trabalhadores, situação de distinção por posições e legitimidade na ocupação dos espaços. Por trás desses comentários dos brasileiros, sobre o

comportamento do grupo estrangeiro com o celular, está um juízo de valor cultural, baseado em fatos irrelevantes, para achar um pretexto de explicação simplista sobre os motivos pelos quais os estrangeiros migraram, “pois, se eles economizassem, eles não teriam que imigrar”. (Entrevistado Adão)

No bairro, já percorrido acerca de quem são os trabalhadores que residem nesse espaço, a chegada dos *outsiders*, causou um choque de culturas. Ou seja, neste bairro, predominava o grupo de origem, contudo, com os migrantes, surge a presença do negro no bairro. Para além de indivíduos com culturas e identidades que se diferem, o estranho também é devido a cor da pele dos novos moradores, que implica na socialização e aceitação no Brasil. Em outras palavras, no bairro, os dois grupos são de trabalhadores da agroindústria X, mas na relação grupal destes trabalhadores, condiciona-se para uma subdivisão, enquanto “pertencente do local” e “não pertencente”.

Consequentemente, esse modelo polarizado de grupos de moradores no bairro, é o modelo de não aceitação do grupo negro, é o racismo à moda brasileira, que a cada período de nossa história se renova, para aparecer dentro de um novo fenômeno, mas que não perde sua essência de prática política de dominação, do grupo dominante perante o grupo dominado em questão.

No caso da cidade de Chapecó, cuja colonização foi baseada em uma proposta econômica, concentrada predominantemente em uma população de identidade branca, é esta que predomina até o momento. Sua inserção na organização da cidade foi baseada na repulsa ao grupo dos caboclos e indígenas, em nome do ‘progresso, civilização racionalista e capitalista’.

Considerando as inúmeras desigualdades entre grupos e indivíduos, como características que envolvem as relações de sociabilidade no Brasil, temos algo associado a um dualismo, em que o grupo branco domina e o negro é dominado. É nessa disputa de poder que os grupos se tocam mutuamente, pois interdependem para a sua própria sobrevivência, de identidade social e política como grupo.

No caso do bairro dessa pesquisa, no passado, não havia o contato com o grupo negro na sociabilidade, porque havia a predominância de pessoas brancas e caboclas. Com a imigração dos negros haitianos e senegaleses para trabalhar, essa relação se evidencia, pela concentração dos estrangeiros nas casas alugadas para os trabalhadores da agroindústria X.

Na relação entre os dois grupos até agora conceituado, aflora a desigualdade, geralmente vinculada à imagem socialmente construída do que é ser pobre no Brasil, sempre relacionada à cor das pessoas. Portanto, a partir desse imaginário coletivo de “negritude e pobreza”, diz-se que os migrantes trazem essas características em seus corpos. Logo, a associação é imediata pelo grupo dos estabelecidos, de que os imigrantes pela sua cor pertencem ao um “substrato humano”, menos dotado das qualidades sociais e materiais. Assim, para os estrangeiros, um simples aluguel de casa pode se tornar um empecilho, além da questão financeira, uma vez que os brasileiros donos dos imóveis julgam que eles não terão dinheiro para pagar o aluguel, preconceitos vinculados a uma questão simbólica dos estrangeiros, vistos como pobres e relaxados no senso comum dos estabelecidos.

A instalação de uma região imaginária “limítrofe”, ou fronteira estabelecida entre o contato dos brasileiros e estrangeiros, possibilita aos indivíduos do grupo *estabelecido* construir uma identidade através da socialização, nem sempre amistosa com o outro. Refiro-me ao diálogo no dia a dia, como os estrangeiros são percebidos nas falas dos indivíduos do grupo de *estabelecidos*, a ausência de diálogos entre os dois grupos. Isso é um sinal marcante de fronteira, mesmo que tais indivíduos residam no mesmo bairro, compartilhem o espaço de locomoção até o trabalho e o mesmo espaço de atividade laboral, não há interação entre eles.

A cidade, bem como o bairro, tem uma população que se autodenomina “desbravadora e trabalhadora”, que compreende a cidade como um lugar de trabalho e privilégio, por esta ter sido colonizada pelos povos de origem europeia. Assim, estes moradores brasileiros constroem um *ethos* associado às qualidades hereditárias de um povo, valores estes só encontrados na categoria de *estabelecidos*, ao se afirmarem como a “minoridade dos melhores” (ELIAS, 2000). Esta questão fica evidente na fala do senhor Nico: “os traços o jeito do povo europeu, povo guerreiro, batalhador, isso vem ficando, uma herança genética que fica, e a gente carrega isso”, são exemplos reais de representação de supremacia do grupo branco perante os não brancos.

Os primeiros moradores do bairro, ao ocuparem e formarem o local, fundaram as Instituições de escolas, igrejas e outras associações, como agentes orgânicos da vida social da comunidade. A participação nas decisões políticas dessas instituições produz um status simbólico, sendo assim, os estabelecidos

apresentam-se como um grupo que congrega dentro dele pessoas de várias identidades étnicas, que se unem pelos valores sociais de pertencimento e pela forma como concebem o trabalho na agroindústria.

Eu acho que as vagas de trabalhos deveriam ser para os brasileiros, eles, estão deixando pessoas sem trabalho, não é racismo nada, as empresas estão mandando embora os brasileiros para segurar eles, estão em todos os setores. (Entrevistada: Chica)

Em razão da formação de grupo na atualidade e da percepção dos brasileiros como grupo hegemônico no bairro, percebe-se que estes elevam seu status social, ao se referirem aos estrangeiros. O grupo dominante busca justificar a não aceitação dos imigrantes negros, com exemplos banais, diferenciando-os enquanto grupo no bairro. A problemática da educação e da saúde aparece como um espaço em disputa. É produzido o temor que futuramente faltarão vagas para os “nossos”, e poderá gerar um problema social mais grave, afetando diretamente os trabalhadores e moradores do grupo de brasileiros.

As evidências podem ser observadas nas falas dos trabalhadores brasileiros sendo os donos dos imóveis ou não. Assim, nas falas de três pessoas do grupo dos estabelecidos, essas são questões recorrentes:

Acho que esse pessoal tem direito de ter trabalho, de uma condição de vida melhor, mas acho que o governo tem que se preocupar para não deixar trazer muita gente de fora, e deixando faltar às coisas para a nossa gente, eu penso assim:- a gente precisa de saúde, de educação, de emprego. (Nico)

[...] Se pensar para nós(brasileiros) influencia a presença deles(estrangeiros), pois faltarão para nós, o emprego, no posto de saúde. (Adão)

[...] chega, nós temos bastante problemas de desemprego, de saúde, e eles estão em todas as partes por aqui. (Chica)

Em um plano nacional de longa duração, sobre a problemática de falta de vagas, a população negra pelo processo histórico de dominação dos brancos, sempre esteve à margem dos direitos sociais. O grupo negro no país foi lesado e estigmatizado, não aceito totalmente na socialização na sociedade brasileira. Da relação desigual no cotidiano do branco e do negro no Brasil, “permite-se” que o branco reproduza, nas relações de sociabilidade, uma supremacia racial, capaz de estigmatizar o grupo negro. A discriminação social, por meio do menor nível

educacional, de estereótipos ligado ao fenótipo, nas propagandas de padrões de beleza, em comerciais e nas novelas, são mecanismos típicos para que se mantenha as desigualdades entre os dois grupos, solidificando o poder dos brancos.

Entre os *estabelecidos* do bairro, na socialização anterior à chegada do grupo de estrangeiro, não havia presença marcante de sujeitos identificados como negros, em razão das condições históricas da formação da população do bairro. A presença de morador negro não era comum, e os que ali residiam e seguiam uma lógica de socialização do grupo 'branco'. No entanto, os moradores brasileiros vinham de uma regularidade de emigrantes, que era própria da socialização do bairro. De uma hora para outra, essa regularidade é alterada com a imigração do estrangeiro, causando um choque de valores, e obrigatória aceitação desses moradores no espaço.

No bairro, o morador do grupo brasileiro considera o grupo do estrangeiro abaixo de seu padrão local. Constituem-se estigmas sociais, construídos socialmente entre os moradores brasileiros, que têm origem na visão nacional sobre o papel do negro na sociedade. Como o bairro é descendente de um perfil de moradores, quando os moradores se deparam com os outsiders, logo o grupo brasileiro traz um repertório do lugar que o negro historicamente ocupou nas relações sociais no país. Então, ao observar o indivíduo estrangeiro e negro, ele já é tachado como um sujeito de um determinado lugar, que estava passando fome em seus país natal, e vem para cá "roubar" o emprego e o espaço de atuação social do brasileiro, por isso, na sociabilidade do bairro, os *outsiders* são estigmatizados como "intrusos", "os de fora", "os pretos".

A aceitação dos que imigram ao bairro no começo também é dificultosa, pois não são aceitos plenamente. Pode ser evidenciada pela fala de um migrante que vêm do Sudoeste do país, ela nos diz que: "o povo daqui é estranho, eles tem medo de quem vem de outras regiões brasileiras, quando eu cheguei o povo me olhava" (Entrevistada Maria). Também essa moradora relata, em sua resposta, que os brasileiros têm conversado sobre os estrangeiros do bairro, falando que: "o povo (brasileiro do bairro) gosta de olhar, há quem diga, eles vão trazer doenças, mas acho que é só um pouco de disfarce para não se misturarem". (Maria)

No que se refere ao aluguel das casas para os estrangeiros, já se tornou um problema entre os dois grupos, principalmente para os recém-chegados. Os donos das casas não fazem questão de alugar a casa para os estrangeiros. Observa-se aqui um choque de valores em relação à ocupação da casa pelos estrangeiros, que,

em seus países de origem, conforme destacam os entrevistados, como as famílias são grandes, viviam inúmeras pessoas em uma casa (não adentrando no mérito se é por uma questão social econômica, ou cultural). No bairro, essa prática também se repete e isso incomoda os moradores brasileiros, por não aceitarem este tipo de ocupação da casa. Isso é perceptível nas falas dos brasileiros, mas trarei a fala do senhor Adão, que não tem casa para alugar no bairro, mas afirma que os vizinhos locadores, reclamam para ele que: “os brasileiros estão preferindo deixar a casa de “varde” (sem alugar) do que alugar para estrangeiros, tem uns quantos donos de casas que não querem”. Já a dona Chica, que tem casa para alugar, fala que: “eu não queria alugar a casinha para eles, daí acabei alugando para um haitiano, dali a pouco tinha uns dez residindo”.

Em relação ao trabalho, o grupo brasileiro tem a preocupação de perder o status de referência de trabalhador, que os caracteriza desde o princípio da formação do bairro e da relação com a Agroindústria X. Esta preocupação é constante, principalmente na questão da desaceleração da economia brasileira e associada às imigrações internacionais, torna-se algo recorrente entre os brasileiros a preocupação da agroindústria dar preferência a “eles” (outsiders), e deixar “nós” (estabelecidos) sem ter trabalho. Assim, uma entrevistada que já foi trabalhadora deste frigorífico, que agora trabalha no centro da cidade, percebe que os trabalhadores e moradores do bairro, os estabelecidos, têm “o principal medo de perder o aluguel na empresa, eles vir e ganhar mais, e viver melhor do que nós, por que eles, [estrangeiros] ganha aluguel da empresa”. (Entrevistada Maria)

Ao se referir sobre a ocupação dos moradores brasileiros no bairro, e da socialização, esses relataram estarem orgulhosos de residirem nesse bairro. Porém, a migração dos estrangeiros, esses não tem os mesmos hábitos que os estabelecidos. E, além disso, são oriundos de outros países, principalmente lugares subalternizados no universo do sistema capitalista. O que causa um desconforto para os brasileiros, e logo percebem as diferenças, que se transformam em estigmas, para poder tachar o estrangeiro como “seres mais atrasados ou inferiores”, na socialização e no trabalho.

Assim, o grupo dos estabelecidos teme a possibilidade dos novos residentes constituírem famílias aqui na cidade, e em especial no bairro, ao longo dos anos, em que esse povo pode misturar-se com a “nossa raça”. Esta constatação pode ser observada quando uma moradora do grupo estabelecido fala que o “povo do bairro

tem medo de perder status, e principalmente, de haver atrito de cor e raça, ter medo com uma nova convivência, mistura, o povo do Sul não é de mistura”. (Maria)

Sendo assim, o grupo do *estabelecidos* tem a percepção de que seu povo possui uma marca, sinal que os diferencia positivamente. Este sinal faz com que o grupo dos estrangeiros não seja aceito, pelas marcas de construção social que se tem do grupo de negro. Segundo Goffman (1988), ao introduzir conceitualmente a noção de estigma — marca, sinal — imputa essa condição àquelas pessoas que se afastam do “padrão” corrente em determinados contextos. O estigma é entendido, por esse autor, como uma linguagem de relações. São três as formas desencadeantes do estigma: o corpo, as opções comportamentais e a inserção tribal de raça, de nação e de religião. Portanto, seguindo essa categoria de estigma, o grupo dos outsiders, que são sujeitos negros, no bairro o grupo de estrangeiros, eles se destoam da normalidade histórica de moradores. Logo, o grupo estabelecido, traz consigo um repertório socialmente construído do negro, e dos africanos, e essas marcas, se constituem em estigmas para poder categorizá-los e “inferiorizá-los” sob a ótica que se denomina de preconceito racial.

Na obra de Elias, (2000), o grupo *Outsiders*, que são os imigrantes trabalhadores mais recentes, também eram tachados como: “os migrantes compunham um quadro social de nível inferior dos operários residentes já estabelecidos, mas dificilmente poderíamos referir-nos às diferenças entre as duas zonas operárias como diferenças de classe”. (p. 62-3). Assim, no bairro, há semelhança com o que Elias nos apresenta em sua obra, são migrantes, também na situação de trabalhadores e dividem o mesmo espaço no trabalho. Porém, em entre pesquisados, encontramos a questão de identificação racial diferenciada.

Há sempre uma referência racial nas falas, como fica evidente no relato do senhor Adão sobre a chegada dos estrangeiros no bairro, quando ele diz que foi um “baque, é estranho aquele negócio da cor deles”. A presença do trabalhador estrangeiro provocou reação imediata no grupo de brasileiros, em que a preocupação é o motivo dos moradores brasileiros serem o tema das conversas entre si. Uma das perguntas da pesquisa era, se os moradores do grupo de brasileiros conversavam sobre a chegada dos estrangeiros, e todos afirmaram positivamente, e também relataram que há reclamações ao longo desses períodos de três anos da presença dos outsiders.

O grupo dos *outsiders* é considerado “anormal” e o grupo estabelecido de “normais”, na sociabilidade do bairro. Isso talvez baste para indicar, sucintamente, que há um tipo de estigma — de “preconceito” intergrupar — cuja investigação dentro desta classe de trabalhadores confirma. Nota-se, então, que esta divisão se dá por uma questão de cor e de nacionalidade. Esta subdivisão dos moradores e trabalhadores é possível porque existe uma estrutura armada, o modo rigoroso, em que a não aceitação do “outro” que também é trabalhador, é resultado de uma relação histórica de ocupação do local, com um perfil de moradores, em que se predefiniu uma caricatura ligada ao trabalho, à ordem e à organização, sempre ligada ao perfil do grupo de branco.

Pode ser constatada a rigidez nas falas do grupo estabelecido, bem como nas falas dos estrangeiros, em que não há aproximação. Entre os estrangeiros, um senegalês nos diz que “achava que ao chegar ao Brasil teria outra vida, melhor que a da África do Sul, chega aqui tem discriminação, lá não tem isso” (Pablo). Já um haitiano nos relata que “aqui no bairro ninguém ajuda ninguém, a gente não conversa com os brasileiros, parece que eles têm medo da gente” (Sérgio).

Os moradores estrangeiros são considerados pelos brasileiros como pessoas que são economicamente e socialmente inferiores, por virem de lugares que tem problemas sociais e estruturais, e dentro do universo da classificação capitalista, serem países subdesenvolvidos. Nesse sentido, os brasileiros criam um imaginário que as pessoas dos países estrangeiros aqui presentes, são uma “população de coitados”, e nessas falas é recorrente que eles são pessoas com doenças, estão morrendo de fome, que existe briga internamente, e que o problema no Haiti se relaciona com a devastação do terremoto em 2010, sendo o principal fator da fome.

No bairro, mesmo não tendo loteamentos específicos de um grupo e do outro, ou seja, serem geograficamente separados, há pontes imaginárias entre os dois grupos. Isso é perceptível para além das falas dos moradores, mas no dia a dia, em que se forma a separação no trajeto de trabalho, através da não conversa entre os brasileiros e estrangeiros, salvo os casos necessários do dono da casa com o inquilino, ou na relação de trabalho.

Dentre as reclamações mais recorrentes dos brasileiros, está a questão do aluguel e da ocupação da casa. Segundo os moradores estabelecidos, os estrangeiros, eles não tem noção do número de pessoas que uma casa comporta. Uma casa normal, para duas ou três pessoas, eles residem em oito ou dez. Também

o aluguel, os estrangeiros não querem pagar a água e a luz, e na hora que o proprietário vem para receber o aluguel, dá confusão, pois quem alugou a casa já não reside mais lá, somente outras pessoas que foram chegando posteriormente, que não sabiam que deveriam pagar essas duas novas despesas.

4.1 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO.

Na medida em que se tende a interpretar a construção da(s) “diferença(s)” entre o grupo branco e negro no Brasil, estamos tratando e trazendo à tona os fenômenos de preconceito e discriminação.

O preconceito é um juízo de valor produzido por um indivíduo ou por um grupo para qualificar situações, grupos, atitudes e comportamentos, sem o mínimo de cientificidade. (PITÉ, 1997). A discriminação é compreendida como atitudes de distinção realizadas por certos grupos ou indivíduos a grupos sociais caracterizados por algo diferente da maioria. (PITÉ, 1997).

No caso dessa pesquisa o preconceito se manifesta sobre os estrangeiros, que está determinando o espaço de convívio social desse grupo. Este julgamento está em coisas corriqueiras, no número de pessoas que residem na casa alugada, no celular de marca que alguns indivíduos do grupo têm. Segundo a percepção dos brasileiros eles não deveriam ter um aparelho de valor x, pois há coisas que este grupo deveria se preocupar que são mais importantes, há um consenso entre os brasileiros entrevistados, que todo o migrante é pobre, e estavam passando fome em seus países de origem.

Já a discriminação está na ameaça de que os estrangeiros ocuparão os lugares de direitos dos estabelecidos. A preocupação central está em resguardar o emprego, o uso do posto de saúde, educação, etc., e a medida de se fazer isso, é restrição dos estrangeiros para o país e a cidade. Assim, essa é uma unanimidade entre o grupo de brasileiros, e dentre as falas trago uma que sintetiza bem a preocupação da preservação de direitos enquanto grupo.

Eu acho que está perdendo o nosso povo, está perdendo emprego, os tranqueiras tem mais vez do que nós, no posto de saúde, não sei se é porque eles não entende a nossa língua, não falam bem o português, daí os atendentes despacham eles antes pra se livrar. Eles são atendidos por primeiro. (Entrevistado: João)

Algumas pessoas e alguns grupos teimam em discriminar outros, utilizando para tal, além da violência, um conjunto vasto de preconceitos relacionados com a raça, etnia, religião, cultura, profissão etc. Assim sendo, no bairro, os indivíduos do grupo estabelecido, no seu dia a dia praticam o preconceito referindo diretamente à “raça/cor/nacionalidade”, dos estrangeiros. Entre os entrevistados o senhor Nico, nos diz que a presença dos estrangeiros no país, “o governo deve controlar, para não aumentar muita população, porque aumentando a população (negra) com certeza vai começar a dar problema social, vai misturar raça, vai modificar costumes, vai alterar o jeito de nosso estado país”. Também outro entrevistado diz que: “eu acho que deveria ter um maior controle de entrada deles e distribuição dessas pessoas, pois tem muito deles aqui em Chapecó, e o nosso bairro está cheio deles”. (Sebastião)

Nas “relações raciais” do país, remete-se ao projeto de branqueamento da população e mestiçagem. A migração no bairro mostra um fenômeno contrário à ideia de identidade brasileira, com país da harmonia entre as raças, ou país da mestiçagem. Em nosso caso, acentua-se a diferença, em que se encontra o grupo de branco, com valores e tradições sociais históricos que legitimam o seu pertencimento a esse espaço geográfico, e no outro o grupo, o estrangeiro, aquele denominado “estranho”, intruso, preguiçoso, pobre, com cheiro forte.

Pode-se perceber as relações de superioridade e inferioridade dos indivíduos dos grupos, em qualquer meio social, até nas ações de “lazer, ou bem-estar físico”, quando um participante do grupo dos estabelecidos nos diz que: - “na academia, eles iam lá, mas fazer mesmo não, eles ficam sentados lá... e um cheiro, cruz-credo, eles tem um cheiro diferente que nós, mas eu acho que tem uns que não tomam banho mesmo...” (Carlos). Nas pequenas atitudes de ir ao trabalho, na academia, praça pública, de ficar na rua, surgem os problemas sociais, se ressaltam as diferenças, e ocorre o estigma.

Sobre classe social, um marcador da diferença, sabemos que em nível nacional esse problema se acentua para a população negra. Já no bairro, em que todos os moradores são trabalhadores, e estão ligados diretamente ou indiretamente ao trabalho da Agroindústria X, não teríamos uma discrepância enquanto classe social. Mas sim, uma leve acumulação de bens econômicos pelos indivíduos do grupo estabelecido, de longos anos de trabalho nesse frigorífico. Construíram mais de uma residência em cima de um terreno, e concomitantemente ao trabalho formal no frigorífico, construíram as casas para ser alugadas que é uma complementação da renda.

Sendo assim, o que daria sustentação para a diferença de grupo no interior de uma classe de trabalhadores? Essa situação de diferença grupal é perceptível através de uma condição de cor das pessoas do grupo estrangeiro. Ou seja, os indivíduos brasileiros, que produzam juízos de valores, sejam referentes à moradia, à entonação da voz, à fome, doenças, emprego, estão deduzindo que os estrangeiros, no convívio social do bairro, são sujeitos inferiores. Sabemos nós que, ao manifestarem juízos de valores de grupo, de identidade neste caso, é prática do preconceito racial.

Segundo Oracy Nogueira (2006, p.289), o “problema do preconceito racial” seja o problema central, nos estudos de relações raciais, e ainda que se admita que o preconceito, seja qual for a importância que se lhe seja dada, como problema de estudo, deva ser focalizado no contexto da “situação racial” em que se manifesta.

Sendo mais específico sobre o preconceito racial de grupo, no bairro ele se manifesta nas falas do grupo estabelecido, nas quais a presença do estrangeiro é tema recorrente nas rodas de conversa entre os vizinhos brasileiros: “os vizinhos falam sobre os migrantes essa “pretaiada” tão ai, tem uns que não concordam com a vinda dos migrantes (José). Já nos casos de socialização comunitária em praça pública, tais como a academia ao ar livre, que muitos dos migrantes frequentam, é motivo para os pais brasileiros proibirem os filhos (as) de ir nesse local. Assim, uma moradora nos descreve: “No bairro, eles ficam com o celular na rua, vivem na esquina, ali tem o ginásio e a academia, minhas meninas ia lá e das vizinhas fazer academia, não dá para deixar, eles ficam lá, acho que eles não são acostumados ficar dentro de casa parece”. (Entrevistada Chica)

No caso, quem define o que pode ou não pode entre os trabalhadores e moradores no bairro, são os que têm valores de identidade do povo estabelecido, e na relação de poder, se definem como os de prestígio, e na sociabilidade, esses buscam nas habilidades para manter o controle social sobre o outro grupo. Assim, os brasileiros projetam valores socialmente construídos sobre a figura dos negros, e em especial do lugar que eles vêm, e dentro da socialização do dia a dia, realizam-se barreiras imaginárias, do que pode e do que não pode na sociabilidade dos moradores.

O grupo estabelecido enxerga os *outsiders* como indivíduos que incomodam ou atrapalham a ordem já estabelecida do local e que são incapazes de merecer os mesmos direitos e a consideração dos primeiros. Portanto, entre os brasileiros se

tem um pensamento de união ao tentar resguardar seus privilégios, e visão grupal positiva por meio de uma série de adjetivos pejorativos ao estrangeiro. Mas o que está em jogo é a preservação do posto de trabalho, do status de grupo de moradores, de não ‘misturar entre as raças’, etc. Isso é reforçado pelo forte poder de coesão e controle exercido pelo grupo estabelecido, que induz seus indivíduos a não abrirem espaço para a relação com pessoas que não façam parte deste grupo. A socialização desses trabalhadores é um exemplo real da não aceitação do estrangeiro como membro da comunidade, que se manifesta pela pouca receptividade e de não conversa com os moradores do bairro.

Isso é perceptível nas falas de dois integrantes do grupo estrangeiro. Ambos relatam que no bairro, os brasileiros não se aproximam deles. Assim, nos diz que “aqui ninguém ajuda, tem pessoas que passam no seu lado, e parece que você não existe, nem um bom dia”. (Entrevistados Miguel; Tito)

Contudo, os estrangeiros ressentem da aproximação dos brasileiros. Para eles, que vêm de nações formadas de um povo de negros, ao se depararem com os brasileiros do bairro, predominantemente brancos, ou com ascendência para a brancura, esses os ignoram ou não conversam com eles, pelo fato desse grupo de fora não fazer parte da constituição dos moradores do bairro, pelas características de identidade branca da população chapecoense. Nesse sentido, o estrangeiro é o estranho no bairro, aquele que traz consigo a negatividade de valores sociais e culturais, na sociabilidade desses indivíduos, surge a atitude dos estabelecido de discriminação racial a moda brasileira, de ignorar o outro grupo.

No bloco de perguntas referente a como é a socialização no trabalho entre os trabalhadores, na qual direcionada aos estrangeiros, dois entrevistados, um haitiano e outro senegalês relatam que: “não sabe por que no trabalho tem pessoas ruins que ficam dizendo coisa para a gente que é de fora”. (Entrevistados Pablo; Miguel) Esta prática que esses dois estrangeiros não entendem, quando se relaciona a eles, é o preconceito e a discriminação racial de alguns indivíduos brasileiros, bem como eles nos falam, que no trabalho ficam falando coisas para eles, e essas são de cunho pejorativo, referindo-se a eles como pessoas incapazes.

Já na sociabilidade do bairro, não há casos de relatados pelos estrangeiros de que os brasileiros lhes dizem algo de natureza pejorativa. Mas sim uma prática de que os brasileiros não conversam com eles. Bem como no Brasil, a prática de preconceito racial é algo camuflado, e está implícita em outros fenômenos sociais,

assim como o preconceito ao grupo de estrangeiro também é camuflado. Aparece na sociabilidade sem ser explicitado nas falas, mas sim em atos de resguardo do grupo estabelecido, vendo nos estrangeiros uma ameaça para futuramente causar problemas de emprego, saúde, educação para os do bairro.

Tratando-se da relação de trabalho, há trabalhadores brasileiros e estrangeiros. Ao direcionar uma pergunta aos trabalhadores brasileiros, dos que estão na ativa, buscava entender como é o convívio entre os trabalhadores da Agroindústria X. Pois, o fato dos dois grupos residirem aqui na cidade, por serem todos migrantes, só que em momentos diferentes, e de lugares, ela se confundem com o trabalho na agroindústria. Nas falas dos estabelecidos, eles reportam sobre a questão de mau cheiro, higiene corporal dos estrangeiros, ser uns “vadios”, não cumpre normas. Assim uma trabalhadora desta agroindústria nos diz que: “eles são preguiçosos não querem nada com nada, eles sentam nas cadeiras aquelas que abrem pra trás, ou deitam nas cadeiras, e chegam a roncar, querem vida boa, por que lá (país de origem) sofria como cachorros, passavam fome. (Chica)

Essas atitudes e comportamentos são utilizados pelos trabalhadores brasileiros para se diferenciarem em um espaço em que todos têm os mesmos movimentos laborais, os mesmos uniformes e as mesmas ferramentas.

No ambiente de trabalho no frigorífico, entre os trabalhadores, numa linha produtiva, o resultado da produção depende de um conjunto de ações sincronizadas entre os trabalhadores, em que o resultado do produto acabado, é uma questão laboral. Portanto no abate de aves, ou suína, nas agroindústrias, não se leva em conta se é o branco ou negro quem o realiza, mas sim, a relação profissional. A preocupação aqui não era a questão do salário, mas um fato que aparece nas falas do grupo de brasileiros, e não poderei deixar de relatar, refere-se ao salário. Os brasileiros reclamam que os estrangeiros estão recebendo mais que os trabalhadores brasileiros, pois eles têm uma ajuda adicional por um determinado tempo para pagar o aluguel, e isso incomoda os brasileiros por não terem esse “auxílio” quando chegaram ao bairro.

4.2 O LUGAR DE FALA E DE PERCEPÇÃO DOS OUTSIDERS.

Nas expressões dos trabalhadores estrangeiros, a imigração faz parte da vida deles ou de familiares. Aqui na cidade e no bairro, eles vêm do Haiti, Senegal, e

alguns deles já estiveram em outros países, tais como Estados Unidos, África do Sul e França. Entre esse grupo de imigrantes, o maior número é dos haitianos, a maioria é do sexo masculino, porém há algumas mulheres, que são esposas dos imigrantes. Já entre os senegaleses são poucas pessoas e todos do sexo masculinos.

No trabalho de campo, observou-se que comumente a população é negra. No bairro, causa um contraste perceptível, pois os brasileiros são predominantemente brancos. Nesse sentido os imigrantes formam um grupo identitário, não por terem os mesmos valores culturais, mas sim pela forma como são percebidos pelos “nos” do bairro. Ser os de fora, nessas condições implica em pouca receptividade, e a distinção que os caracteriza é os fenótipos diferenciados, sobretudo faz com que o grupo dos brasileiros se fecha para o outro grupo.

Entre as perguntas feitas aos estrangeiros, uma delas tratou sobre as rotinas cotidianas no bairro. Nessa pergunta, o objetivo central era verificar qual a dimensão da relação que eles tinham com os moradores brasileiros. As respostas revelaram as dimensões da relação deles com os brasileiros na sociabilidade. Os estrangeiros relatam que sua rotina é trabalhar, vir para casa, e que há pouca interação com os brasileiros, pois os estrangeiros são ignorados, ou estando na invisibilidade diante de não se fazer causa dos brasileiros.

Nas falas de dois moradores do grupo *outsiders*, um haitiano e outro senegalês, eles nos contam que as pessoas daqui não dão um simples bom dia, ou “puxam conversas”. Assim, de acordo com o haitiano, o Sérgio: “a gente chega, não sabe bem como falar, vai pedir ajuda, por que não é fácil não se sabe de nada aqui, as pessoas te ignoram, elas passam do teu lado, e você não existe...” [...] O jovem senegalês também relatou sobre a dificuldade de conversar com os brasileiros, “parece que tem umas pessoas (brasileiros) que tem medo da gente, eu não entendo isso...” (Miguel)

Contudo, os demais entrevistados estrangeiros não demonstram as mesmas percepções dos dois estrangeiros sobre o contato com os brasileiros. Porém, ao perguntar se os vizinhos ou colega do trabalho já haviam lhes convidado para alguma atividade de esporte, ir à sua casa, ou se tem brasileiros que os visitam, essa pergunta foi embaraçosa, e respondida que não, só o dono da casa, vem buscar o dinheiro do aluguel. Como se sabe, essa visita do dono do imóvel é mais uma questão de relacionamento comercial do que uma relação de aceitação. O que há em comum entre os estrangeiros são as dificuldades apontada por eles no dia a

dia, a dificuldade de conseguir moradia, e a falta de emprego para os que estão chegando mais recente, pois em (2015) começa a faltar trabalho para os imigrantes estrangeiros.

As evidências que demonstram essa separação de grupos na socialização são pelos costumes e tradição do grupo do estabelecido. Sabendo que os moradores brasileiros do bairro, eles segue a tradição gaúcha, e o que norteia a socialização deles está atrelada pela relação dos costumes e tradições. Partindo desse princípio, é um bom motivo para saber se os migrantes são bem acolhidos no convívio da comunidade. Diante disso, busquei me aprofundar nas entrevistas com os estrangeiros, sobre alguns dos valores simbólicos que representa na tradição gaúcha, e que em nosso município se perpetua, pela colonização do bairro ser basicamente de povos vindo do Rio grande do Sul, ou da região que tem a prática de manter as tradições em seu dia a dia.

O chimarrão⁵ é um exemplo mais prático da tradição gaúcha, representa toda uma hospitalidade, que é uma simbologia de recepção ao visitante, e acessível em todas as casas dos estabelecidos. Partindo dessa premissa, ao perguntar aos estrangeiros sobre se já provaram o chimarrão, e se tem o hábito de tomar essa iguaria gaúcha, a maioria deles, principalmente os haitianos nos falaram que nunca experimentaram, e um deles já tomou, mas não gostou, segundo ele é muito forte. Ao perguntar, se os vizinhos brasileiros já ofereceram a cuia de chimarrão, só um falou que sim, o dono da residência, mas não gostou. Já os demais haitianos, ninguém ofereceu a cuia para eles provarem do mate.

Já para o senegalês (Miguel), o chimarrão já faz parte de seu hábito. Relatou-me que tem um amigo senegalês que reside no bairro Efapi, que é casado com uma mulher Castelhana, e ela toma o mate todo o dia. Assim, quando ele tem vontade de tomar chimarrão, vai até a casa do casal de amigos. Ao perguntar, se ele vê os brasileiros tomar mate, ele disse que sim, mas ninguém lhe ofereceu a cuia de chimarrão.

Em outro bloco de perguntas, relacionadas às expectativas dos estrangeiros sobre a sociedade chapecoense, envolvendo oportunidades e perspectiva deles permanecerem no Brasil, a maioria deles não quer fixar residência aqui no Brasil. Ao se perguntar em relação ao trabalho, socialização, dificuldades, no bairro, e as

⁵ **Chimarrão** – é uma bebida quente, composta de erva-mate moída e água quente, difundida entre a tradição gaúcha no Brasil e nos vizinhos países do Uruguai e Argentina.

dificuldades presentes em seus países de origem. A maioria dos entrevistados diz que não compensa o esforço empreendido para estar aqui, e pretendem retornar para seus países, ou migrar para outros lugares, principalmente aos Estados Unidos. Estar aqui, longe da família, dificuldades e a saudade é grande, dos (pais, filhos e esposas) e receber pouco, não dá para trazer os familiares, ou mandar dinheiro para eles, trabalha muito e ganha pouco aqui no Brasil. Os haitianos pretendem retornar ao seu país, ou querem imigrar para os Estados Unidos. Já os dois senegaleses pretendem voltar ao seu país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como objetivo identificar e compreender as formas de sociabilidade desenvolvidas em um bairro de trabalhadores. Verificou-se que nesse local há a formação de dois grupos de moradores, ambos são trabalhadores da agroindústria, afetando os modos de interação e sociabilidade. A partir da observação deste espaço, tentei produzir interpretações sociológicas para o fenômeno da sociabilidade no cotidiano do bairro.

O percurso de escrita e análise das entrevistas e das observações *in-loco* apresentou alguns percalços. Dentre eles, destaco as dificuldades de não se deixar levar pela emoção, pelo que se presencia no cotidiano da pesquisa, que destoa do referencial teórico.

Não obstante, a criação de categorias de grupo de brasileiro e grupo de estrangeiro é indispensável para compreender as dinâmicas de interação. Ao buscar definir os traços que os identificam enquanto pertencente a um desses grupos, a sociabilidade destes moradores e trabalhadores é primordial, tive então o cuidado de “categorizá-los”, levando em conta a maneira que eles se apresentam no dia a dia, e nas percepções na hora das entrevistas entre cada sujeito.

Nesta pesquisa, não se objetiva justapor um modelo ou criar uma situação nova para o conceito de grupo brasileiro e de estrangeiro no bairro, entre os trabalhadores e moradores da agroindústria X. Com base na observação direta e nos grupos de discussão, defini que os brasileiros são majoritariamente brancos, e de um grupo de estrangeiros migrantes de outros países, serem negros, levou-me a compreender a dinâmica existente entre os dois grupos em suas formas de sociabilidade, com base no conceito de *estabelecido* e *outsiders*, com as peculiaridades que se apresentam nessa realidade de grupos, ocorre a dinâmica de preconceito racial.

Contudo essas manifestações raciais no bairro, desenvolvem-se de forma sutil, pelo fato deles conviverem em um mesmo espaço social, fazerem os mesmos trajetos até o trabalho, trabalharem na mesma agroindústria e muito deles trabalham em uma mesma linha produtiva no frigorífico. As evidências da formação de grupos se ligam a questão puramente de cor de pele e estrangeirismo.

Perante as constatações dessa pesquisa, a maneira que se estabelecem as relações de grupos no bairro, dos arranjos que os brasileiros usam para se diferenciarem dos estrangeiros, fica evidenciado que o fenômeno do preconceito racial é o de marca, caracterizado em plano nacional por ser um ato camuflado e difuso na sociedade, que atribui aos brancos um poder para estigmatizar os não brancos e se considerar a ‘minoridade dos melhores’.

O caso mais recorrente para o grupo dos brasileiros se diferenciar do grupo estrangeiro está nas suas percepções de juízo de valores, ao atribuir aos estrangeiros visões pejorativas sobre de seus países e da sua presença no bairro, e da ocupação de postos de trabalho na agroindústria.

O presente estudo revelou, ainda, que o preconceito racial e o eurocentrismo são uma forma de se ter a diferença dentro de uma classe de trabalhadores, seja para identificar o outro grupo como inferior ou de pertencer a uma descendência de cultura considerada superior. Nesse sentido, cabe alertar para a necessidade do aprofundamento dos estudos sobre a utilização desses instrumentos na sociabilidade para a construção e manutenção de *status* nas relações de poder de um grupo na sociedade chapecoense.

Acredito ainda que este trabalho pode contribuir para instigar novas pesquisas e ampliação dos estudos sobre as formas de poder que se manifestam na sociabilidade, dentro de uma classe de trabalhadores, que envolvem relações que transcendem o econômico para se formar grupos de forma mais específica, e surgimento de conflitos simbólicos, de segregações grupais e de estigmas apoiados em estereótipos.

REFERÊNCIAS

ALBA, Rosa Salete. Espaço Urbano: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos, 2002.

ALBURQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA, Walter Filho. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALVES J. E. D. **Haiti: o déficit ambiental no país mais pobre das Américas, artigo José Eustáquio Diniz Alves**. 2014.

Disponível em <www.ufjf.br/ladem/2014/10/10/haiti-o-deficit-ambiental-no-pais-mais-pobre-das-americas-artigo-jose-eustaquio-diniz-alves/> Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

BENTO, (2002) **BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL** In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

BORDIGNON, Gilberto Alves. **Municípios Catarinenses**. [S.l.: s.n.] 1968. 58p.

CAMPOS, Márcio D’Oliveira. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: AMOROZO, Maria C. de Mello; MING, Liu Chang; SILVA, Sandra Pereira da (Orgs.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002. p. 47-92.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985

COVARRUBIAS, Humberto Márquez. **Desarrollo y Migración: Una lectura desde La Economía Política**. Revista Migración y Desarrollo, nº 14, primeiro semestre de 2010. Pg. 59-87.

DAMIANI, Luísa, Amélia. **População e Geografia**. 9ª Ed., 2ª reimpressão editora: Contexto – São Paulo, 2009.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, L. John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução, Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Siissekind; - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ESTADÃO, O. Terremoto no Haiti foi causado por falha até então desconhecida. 12 de agosto de 2010.

Disponível em: < <http://www.estadao.com.br/noticias/vida,terremoto-nohaiti-foi-causado-por-falha-ate-entao-desconhecida-,594044,0.htm> >. Acesso em 25 de junho 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1980.

FERNANDES, D.; CASTRO, M.C. **Estudo sobre a Migração no Brasil e Dialogo Bilateral**. Disponível em: . Acesso em: 20 mai.2014.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo, Cia Editora Nacional – 1965.

FRANCO, Francisco Soares. **Ensaio sobre os melhoramentos de Portugal e do Brazil**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1821.

GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*. Paris: Librairie de Firmin Didit Frères, 1853.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar: Como fazer pesquisa nas ciências sociais*. Ed. 8ª, editora: Record, São Paulo, 2004.

GUIMARÃES, S Antonio. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia v. 47 nº 1**; SÃO PAULO, USP, 2004.

HOLLANDA, B Sérgio. **Raízes do Brasil**. Edição 26ª reimpressão 39ª, Companhia das Letras; São Paulo, 1995.

IPEA. **Situação social da população negra por estado / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**. – Brasília: 2014. Disponível em: , acesso em: out.2015

JODELET, Denise. **Os processos psicossociais da exclusão**. In: SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: a análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARINUCCI, Roberto; MILESI, Rosita. **Migrações Internacionais Contemporâneas**. Disponível em: www.migrante.org.br/migrante. acesso em: ago 2015.

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. Ação Educativa, ANPED. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica - SP. 2003.. Acessado em 20/08/15.

MOZINE, Augusto Cesar Salomão; FREITAS, Tiago Miguel D'Ávila Martins de; RODRIGUES, Viviane Mozine. **Migrações ambientais e direitos humanos: o discurso da mídia de massa e os haitianos na Amazônia**. 2012. Trabalho apresentado ao 7º Encontro Anual da Associação Nacional de Direitos Humanos - Pós-Graduação e Pesquisa (ANDHEP), Curitiba, 2012.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. *Revista Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1, nov: São Paulo, 2006.

PELUSO, Victor Antônio Júnior. A evolução da cidade de Chapecó: de povoado a centro regional. In: _____. **Estudo de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1991.

PITÉ, J. **Dicionário breve de sociologia**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

PINHO, Araujo Osmuno. **Raças Novas Perspectivas Antropologicas**. 2ª edi ABA EDUFBA, Salvador, 2008.

POLI, Jaci (1995). **Caboclo: pioneirismo e marginalização**. In: CEOM, 1995.

PRADO, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. Editora Companhia das Letras: São Paulo, 2011.

RADIN, José Carlos.) **Representações da Colonização**. Chapecó, Argos, 2009.

RENK, Arlene. **A Luta da Erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2006.

_____. **Narrativas da Diferença**. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis. Ed. Do Autor, 1974.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

THOMAZ, Diana Zacca. Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 4, p. 131-143, 2013.

VIANA, Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. 4º ed. Ed. José Olympio. Rio de Janeiro, 1956.

WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e Ocupação do espaço no Oeste Catarinense: A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil**. Chapecó: Argos, 2006. 149p.

<http://www.chapeco.sc.gov.br/chapeco/historico.html#/colonizacao>. Acesso em: out. de 2015.

www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010. acesso em: 18 de junho de 2015.

ZAMBERLAN, J. BOCCHI, L. CORSO, G. CIMADON, J. Os novos rostos da imigração no Brasil – haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre . Solidus, 2014.

ANEXO

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul. Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Disciplina de TCC; docente: Claudete Soares; acadêmico Neuri Andreola. Perguntas para a pesquisa aos trabalhadores e moradores em um bairro da cidade de Chapecó.

Trabalhadores e Moradores Estrangeiros. (Haitiano e Senegaleses)

Loteamento:.....Data.....idade.....
sexo.....

Você tem que faixa etária
() 18 a 25 anos () 25 a 30 anos () 30 a 35 anos () 35 a 40 anos ()
acima de 40 anos.

Qual era sua religião no país de origem:

() Muçulmano () Católico () Evangélico () Vodú () Outras

Aqui no Brasil você frequenta alguma religião?

- 1) Me fale como é as relações pessoais de seu bairro ou cidade de seu país de origem?
- 2) Você frequentou a escola? Me fale qual é o nível de sua escolarização? Relate como é o sistema de ensino no Haiti/Senegal?
- 3) Fale de sua trajetória profissional no seu país de origem?
- 4) Fale-me como foi o percurso da sua viagem até a chegada a cidade de Chapecó?
- 5) Como se deu a obtenção do seu visto?
- 6) Quais motivos levaram você a imigrar para o Brasil? Como você se decidiu pela cidade de Chapecó?
- 7) Você veio sozinho para Chapecó?

- 8) Pretende trazer algum familiar, ou já trouxe familiares para residir com você?

- 9) Você conseguiu se adaptar ao modo de viver das pessoas do bairro e da cidade?

- 10) Como é a sua relação com os seus vizinhos brasileiros? (ver a questão do chimarrão)

- 11) Você participa de atividade do bairro, tais como a prática de esporte, igreja, escola?

- 12) Como é sua rotina fora do trabalho?

- 13) Você mantém vínculos pessoais com os brasileiros fora do local de trabalho?

14) Você tem outro trabalho além da agroindústria?

15) Em qual setor você trabalha na agroindústria?

16) Fale-me como você foi selecionado para essa atividade?

17) Você trabalha com trabalhadores brasileiros? Fale-me um pouco de seu trabalho?

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul. Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Disciplina de TCC; docente: Claudete Soares; acadêmico Neuri Andreola. Perguntas para a pesquisa aos trabalhadores e moradores em um bairro da cidade de Chapecó.

Trabalhador de Nacionalidade Brasileira.

Dados Gerais.

Loteamento:.....Data.....idade.....sexo.....

.....

- 1) A quanto anos o senhor (a) reside nesse bairro? O senhor é Natural de que cidade?
- 2) O senhor (a) trabalha na agroindústria, ou já trabalhou?
- 3) Você tem imóvel próprio, ou paga aluguel na casa?
- 4) Você considera sua origem: () Italiana, () Alemã, () Polonês, () Cabocla, () Indígena, () Afrodescendente () Outras.
- 5) Você se considera que cor de sua pele?
- 6) Qual é sua religião: (....) Católico, () Evangélica, () Pentecostal, (), Outras ()
- 7) O senhor (a) participa na comunidade em uma das igrejas?
- 8) Você ou familiar faz parte da comissão da diretoria da igreja, da escola, o clube das mães, dos idosos, ou do esporte do bairro?
- 9) Pergunta sobre o local. (história, perfil dos moradores brasileiros)

Perguntas intermediárias

- 10) Chapecó é considerada a cidade capital do Oeste catarinense, uma cidade com oportunidade de trabalhos e prospera. Você identifica que a população da cidade tem vocação ao trabalho?
- 11) O senhor considera que a população de Chapecó tem aspectos diferenciadores de outras populações de cidades de outras regiões do Brasil, tais como do Nordeste, Norte? Por quê?
- 12) O nível e índices de vida da população do Estado de Santa Catarina são considerados uma das melhores pais. A que fatores o senhor atribui a essa realidade? (Ver a questão dos europeus)

Perguntas Centrais.

- 13) Como o senhor vê o mercado de trabalho em Chapecó sendo ocupada pelos estrangeiros?
- 14) O senhor acha que o governo brasileiro deveria bloquear a entrada dos emigrantes? Por quê?
- 15) O senhor acha que há diferença entre brasileiros e estrangeiros? Em que sentido o senhor atribui isso?
- 16) O senhor trabalha junto com os imigrantes, como é a relação entre brasileiros no âmbito no trabalho?
- 17) O senhor identifica diferenças entre trabalhadores brasileiros e os estrangeiros no ambiente de trabalho?
- 18) Há diferenças de tratamento da empresa em relação aos trabalhadores brasileiros e estrangeiros?
- 19) No bairro há estrangeiros. Como o senhor percebe a relação dos vizinhos brasileiros com chegada dos novos moradores.
- 20) Por acaso o senhor (a) percebe que os estrangeiros têm hábito diferente dos moradores brasileiro. (ver se relatam a vestimenta, corte de cabelo, se falam baixo, ou alto, ou algo que é estranho para você e os vizinhos brasileiros).
- 21) Qual é a percepção que você e os vizinho têm em relação dos estrangeiros fixar residência no bairro ou na cidade? (eles virem residir com a família e ficar morando na cidade)
- 22) O senhor conversou com os vizinhos brasileiros sobre os estrangeiros no bairro?
- 23) O senhor já ouviu comentários dos brasileiros sobre algum fato dos estrangeiros? (higiene pessoais, físico, morais, etc)
- 24) O senhor considera que a presença dos estrangeiros em Chapecó pode causar problemas? Por quê?

Perguntas secundárias

Para quem trabalha na agroindústria.

- 25) O senhor (a) trabalha juntos com os imigrantes, me fale como eles são no trabalho?

26) Você identifica diferenças entre trabalhadores brasileiros e os estrangeiros no ambiente de trabalho?

27) Relate-me como é trabalhar juntos com os estrangeiros?

28) Como você e os demais trabalhadores brasileiros percebem sobre o aditivo salarial que as agroindústrias dão para os estrangeiros que entra no quadro de funcionário por um período aos estrangeiros?

